Momento histórico mostra um País que ainda busca garantir a democracia e vencer a desigualdade

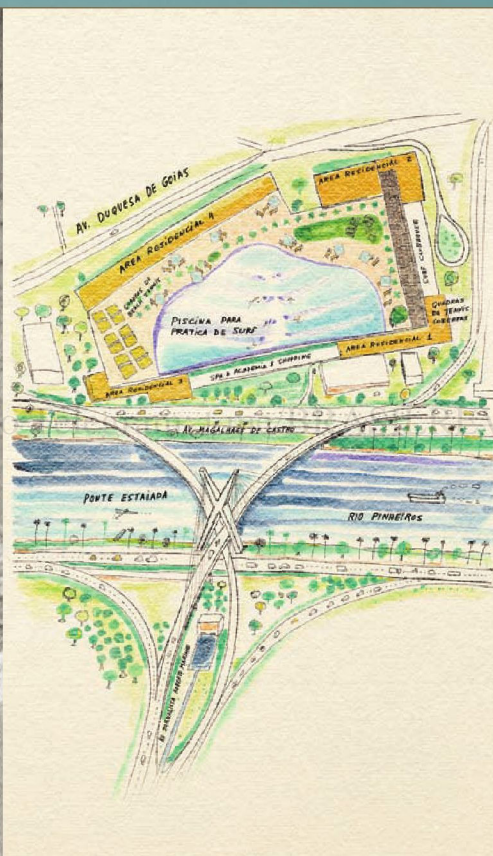
TRÊS

Bolsonaro quer **associar seu projeto autoritário aos militares no Sete de Setembro** para tumultuar as eleições. **Ele se apropria da figura de dom Pedro I** e desvirtua os símbolos da formação da Nação nas **comemorações do Bicentenário,** tentando reproduzir com fins eleitoreiros **o ufanismo demonstrado pela ditadura** nos anos 1970

CONHEÇA O PRIMEIRO CLUBE DE SURF DA CIDADE DE SÃO PAULO.

CLUBE EXCLUSIVO PARA MEMBROS COM SURF, SPA, ACADEMIA, TÊNIS E RESTAURANTE EM FRENTE À PONTE ESTAIADA.

- CLUBE DE SURF EXCLUSIVO PARA MEMBROS COM QUALIDADE E EXCELÊNCIA JHSF
- COMPLETA ESTRUTURA DE SURF REUNINDO ESPORTE, LAZER E GASTRONOMIA
- PISCINA COM TECNOLOGIA PERFECTSWELL® E SURF CLUBHOUSE COM RESTAURANTE
- SPA COMPLETO E ACADEMIA COM EQUIPAMENTOS DE ÚLTIMA GERAÇÃO
- QUADRAS DE TÊNIS COBERTAS E QUADRAS DE BEACH TENNIS

Imagens ilustrativas. O projeto encontra-se em fase de desenvolvimento e aprovação. Utilização e adesão estarão sujeitos a análise de acordo com o estatuto e regimento interno do clube.

JHSF

CONHEÇA MAIS

BAIXE O APP **JHSF REAL ESTATE**

+ 55 11 3702.2121

+ 55 11 97202.3702

membershipsurfclub@jhsf.com.br

GILBERTO KASSAB

Presidente nacional do PSD

"SÓ SOBRARÃO 16 PARTIDOS NO BRASIL"

O presidente do PSD, Gilberto Kassab, é um dos políticos brasileiros que mais entendem da estrutura partidária no País. Afinal, em 2011, ele fundou o partido que dirige em tempo recorde, atraindo dissidentes do DEM, PSDB e PPS. De lá para cá, em pouco mais de 10 anos, a sigla já tem 12 senadores (a segunda maior bancada) e 46 deputados federais (a quinta) e estima eleger, em outubro, um número superior de parlamentares (16 senadores e 60 deputados). Com isso, os pessedistas podem ser o fiel da balança no futuro governo. Ele diz que metade do partido está com Lula e a outra metade com Bolsonaro e que, por isso, qualquer um dos dois que vier a ser eleito terá seu apoio. "Apoiaremos os projetos que sejam positivos para o País." Ex-ministro das Cidades de Dilma e ex-prefeito de São Paulo, Kassab não acredita em golpe de Bolsonaro e diz que o sistema eleitoral "é próximo da perfeição". "Na época da cédula de papel sim tinha fraudes e compra de votos", disse à ISTOÉ. Ele aposta ainda que a cláusula de barreiras nestas eleições reduzirá o número de partidos de 35 para apenas 16 e que o ideal é o País ter um quadro partidário mais enxuto.

Por Germano Oliveira

DEMOCRACIA "Nenhuma mobilização terá força para modificar o resultado das eleições", diz Kassab

“Metade do PSD está com Lula e a outra metade com Bolsonaro”

Como o senhor vê os ataques de Bolsonaro ao sistema eleitoral e às urnas eletrônicas? As críticas não passam do razoável?
Eu discordo totalmente dele. Já vivi esse processo como candidato, já vivi, incluisve, como candidato da época da cédula de papel. Aí sim tinha fraudes e acusações de compra de votos. Hoje eu acho que o nosso sistema eleitoral é próximo da perfeição. É admirado no mundo inteiro e é muito seguro e eficiente. Com essas explicações, fica claro que eu discordo profundamente das suposições que o presidente vem fazendo.

O senhor acha possível termos um Sete de Setembro tumultuado, já que Bolsonaro convoca as pessoas para irem à rua e tem ameaçado desestabilizar as instituições, com novos ataques ao TSE e ao STF? Ele trama um golpe?
Não, não. As instituições brasileiras estão muito consolidadas, a democracia é muito sólida e estou muito tranquilo em relação a isso. Não acredito que essas manifestações políticas do presidente conseguirão de fato conduzir a um processo golpista.

Essa atitude pode ser preventiva para justificar uma eventual derrota?
Eu acho que se for isso é um tiro no pé. O candidato que admite a derrota já está derrotado.

O senhor acha que Bolsonaro pode repetir o gesto de Trump de tentar melar o resultado das urnas?
Não acredito em nenhuma mobilização que tenha força de modificar o resultado das eleições. As Forças Armadas têm um comportamento muito correto e muito adequado. Não acredito que tenham uma postura diferente.

Acha que o eleito assume?
Com certeza. Uma coisa são as manifestações de campanha que vêm acompanhadas de muito marketing. As pessoas acreditam que ao falar em fraude nas urnas e golpe agradam o eleitor mais fanático e ganham voto com isso, mas não ganham. O vencedor vai tomar posse.

O 11 de agosto e a demonstração de força na posse do ministro Alexandre de Moraes no TSE serviram para comprovar que a sociedade civil está preparada para impedir uma volta ao passado?
O 11 de agosto serviu para mostrar que toda ação gera uma reação. Na minha opinião, o encontro do presidente com os embaixadores gerou essa reação que teve início com os manifestos lidos no dia 11 de agosto e foram reforçados com o evento no TSE. Ficou claro ao longo das manifestações dos últimos meses que a nossa democracia não corre risco. A sociedade civil está atenta e pronta para se mobilizar e evitar que a democracia saia dos trilhos.

Como o senhor vê os pacotes de bondades implementados por Bolsonaro para virar o resultado das eleições que lhe é desfavorável. Acha que essas medidas eleitoreiras são imorais?
Até a oposição votou a favor dessas medidas. Não se pode ficar contra a diminuição do preço de combustíveis. Quem pode ficar contra medidas que ajudam os mais pobres? Se eu fosse parlamentar também votaria a favor. Essas medidas eram tão necessárias que obtiveram o apoio de todos.

O senhor acha que é possível haver segundo turno ou a eleição pode ser resolvida já no primeiro turno?
Ainda tem possibilidade de se resolver no primeiro turno. O número de candidatos ficou reduzido. Mas vamos aguardar o inicio do horário eleitoral gratuito no rádio e na TV, que é sempre um marco importante em qualquer campanha. Passadas duas semanas iniciais da campanha na TV, acho que as conclusões das pesquisas serão muito mais próximas do acerto final.

O PSD pode participar do futuro governo?
Não vamos participar de governo nenhum. Não temos esse sentimento de fisiologismo, de cobiça por cargos. O que nós vamos é contribuir com o País. Adotaremos a posição de apoiar tudo aquilo que nós entendermos que seja positivo para o nosso crescimento, como adotaremos uma posição crítica de oposição quanto àquilo que nós tivermos uma visão negativa. E isso vai acontecer com qualquer que seja o governo.

E se der Bolsonaro, o PSD pode apoiá-lo?
Tivemos uma posição distante desse governo até aqui. Então, nesse momento, não vou me manifestar. Precisamos aguardar primeiro quem vencerá as eleições e depois ver quais serão as posições do governo eleito, mas sempre teremos uma posição muito crítica em relação às medidas que não sejam compatíveis com o que esperamos ser o melhor para o País.

A oposição tem dito que Bolsonaro deixará uma herança maldita para o futuro governo. Qual sua avaliação?
Ao longo do governo Bolsonaro tivemos as nossas discordâncias, que nos levaram a ter uma posição de independência, mas houve momentos em que os parlamentares do partido entenderan que os projetos apresentados eram bons para o País >>

FOTOS: GABRIEL REIS; RICARDO STUCKERT; ALAN SANTOS/PR

e ficamos ao lado do governo. Mas se estivéssemos em concordância, estaríamos apoiando o governo e isso não existe. A nossa avaliação não foi favorável ao atual governo.

Desde a redemocratização, o Brasil apresenta uma disputa entre um candidato da direita contra outro da esquerda. O senhor acha que isso é indicativo de que deveríamos ter apenas dois ou três partidos, como acontece nos EUA?
Já está acontecendo isso. Eu entendo que com o resultado destas eleições, só vão ser classificados pelo resultado da cláusula de barreiras em torno 16 partidos, o que já é um avanço, pois temos hoje 35 partidos. Metade deles não vai atingir o desempenho necessário e com isso não vai ter condições de ter representatividade dentro do parlamento. Não vai poder ter liderança, não vai poder participar de comissões. Nas eleições municipais de 2024 e nas nacionais de 2026, eles não terão o tempo de rádio e televisão no horário gratuito, não terão acesso ao fundo partidário, ao fundo eleitoral, e terão que se fundir com outras siglas.

O PSD foi assediado tanto por Lula como por Bolsonaro para compor o arco de alianças de cada uma dessas candidaturas, mas o senhor acabou não apoiando oficialmente nenhum dos dois. Por quê?
Porque o projeto do partido era ter uma candidatura própria. É muito importante que nas eleições os partidos se apresentem com candidatos próprios, que levem a imagem e as propostas da legenda adiante. E nos esforçamos muito para que tivéssemos um candidato. O nome natural seria o Rodrigo Pacheco, que se filiou ao PSD e se elegeu presidente do Senado. Criamos circunstâncias que poderiam favorecer sua candidatura, mas no momento em que ele entendeu que a sua posição como presidente do Senado era mais importante para o Brasil do que como pré-candidato, nos esforçamos para viabilizar outra candidatura e fizemos um convite para o Eduardo Leite, que não aceitou a missão. Na impossibilidade de ter uma candidatura própria, o caminho natural seria a neutralidade, já que o partido estava dividido ao meio entre apoiar Lula ou Bolsonaro.

O senhor acha que tanto Lula como Bolsonaro não são boas opções para o País?
O PSD entendia que era importante apresentar uma alternativa e que o caminho não era nem um e nem outro. Agora no segundo turno, evidentemente, vamos nos posicionar entre um e outro, mas no primeiro turno qualquer manifestação seria até inadequada, em especial vindo do presidente de um partido que precisa se preservar para manter sua unidade. Afinal, fizemos uma pesquisa entre os diretórios estaduais e metade queria um e a outra metade o outro. No segundo turno, contudo, vamos escolher um dos dois.

Entre os dois, qual deles têm maiores possibilidades de recolocar o País no rumo do desenvolvimento?
Olha, eu sou um democrata. Acredito na democracia. Sei da importância das eleições e, portanto, quem ganhar terá, da nossa parte, todo apoio para que se retome o desenvolvimento, e terá também toda a nossa oposição para aquilo que não contribuir para o desenvolvimento do País.

No início da campanha, o senhor chegou a estar mais próximo de Lula e inclusive compareceu ao jantar organizado pelo grupo Prerrogativas em apoio a ele. Todos os presidentes dos partidos presentes fizeram uma foto com ele. Por que o senhor preferiu não aparecer na foto?
O jantar foi uma homenagem ao ex-presidente e eu participei. A foto foi dos líderes dos partidos que estavam apoiando sua candidatura e o PSD não estava apoiando. De uma maneira educada não participei da foto. Mas o meu respeito ao ex-presidente ficou claro com meu comparecimento ao jantar e nos encontros frequentes que eu tenho tido com ele.

Todos os diretórios estaduais do PSD chegaram a responder a uma pesquisa sobre a preferência entre Lula e Bolsonaro e não houve consenso?
Exatamente, essa é a razão da posição de neutralidade do partido. A consulta feita deu um resultado mostrando que o partido estava rigorosamente dividido. Uma parte preferindo o caminho para a esquerda e a outra parte optando pelo caminho para a direita. Hoje temos o governador Ratinho (PR), apoiando Bolsonaro, e temos o Alexandre Kalil (MG), apoiando Lula.

Em um eventual segundo turno, o senhor pretende consultar os diretórios novamente sobre o apoio a Lula ou a Bolsonaro?
Sim, mas tudo tem seu prazo. No primeiro turno tudo é mais lento. No segundo turno, ouviremos governadores eleitos, as novas bancadas de deputados e dos senadores para tomarmos uma posição com a maior unidade possível. Qualquer manifestação minha agora seria totalmente inadequada. No momento certo nós vamos ter essa discussão, que será bastante rápida e será feita no intervalo de um turno para o outro. Mas jamais iniciaríamos essa discussão agora. ■

> "Na época da cédula de papel sim havia fraudes e compra de votos"

FOTO: NELSON JR./ASCOM/TSE

Editorial

Carlos José Marques, *diretor editorial*

O GRITO DE GUERRA DE BOLSONARO

Eu julgo, eu decido se as eleições valeram ou não e resolvo se aceito o resultado. Basicamente assim estabelece a cartilha do capitão Bolsonaro, que a repisou na já antológica entrevista de mentiras no JN da Globo. Na prática, a questão de fundo é: quantas insurgências mais serão toleradas, quantas demarcações de limites democráticos serão atravessados e leis infringidas, no arreganho de desaforos ao sistema eleitoral brasileiro, até a data esperada do sufrágio a 2 de outubro? O período de espera pelas urnas parece uma eternidade na pororoca de episódios rocambolescos que marcam aquela que será talvez a mais dramática das disputas. Bolsonaro é o intendente de uma guerra anunciada. Fabricou, arquiteta a estratégia e convoca exércitos de milicianos, fiéis seguidores e alguns poucos militares inebriados pela sede de poder brasiliense para a batalha de uma vida — a de sua própria e de mais ninguém. O bloco dos que aderem parece formado por um contingente suficiente para a algazarra prenunciada e milimetricamente planejada. No passado, um dos rebentos do capitão chegou a proclamar aos quatro ventos que papai-pode-tudo conseguiria fechar o STF com apenas um cabo e um soldado. Tem mais gente nas fileiras da infantaria de agora. Inclusive empresários - de peso, quem diria! - que não tiveram o menor pudor de se exibirem nas redes sociais pregando o recurso de um golpismo bananeiro. Falaram em financiar. Marcaram data e motivo — esse definido como a eventualidade do demiurgo de Garanhuns, Lula, sagrar-se vitorioso na escolha do povo. Eles não permitirão, dizem. Não aceitam. Preferem o golpe. Revoltam-se contra a mera ideia de a maioria estabelecer vontades. Como assim? Por aqui, devem imaginar, ainda prevalece o conceito dos regimes feudais, onde o senhor das terras decreta aos habitantes do povoado as escolhas a serem feitas. Mal reformulada é a mesma sina revisitada dos tempos escravocratas da Casa Grande & Senzala e, desde lá, o Brasil ainda peleja para se livrar da aberração social que criou. Está evidente nos dias de hoje. Tem ministro que reclama até quando empregadas domésticas ousam ir à Disney acompanhando patrões. Onde já se viu? De parte da Justiça, há de se dizer, alguma resposta vem sendo ensaiada para lembrar aos tais sicários da elite que os dias em que vivemos são outros. Aqueles que nas redes sociais defenderam a ruptura institucional, via artifício da deposição de um candidato eleito que não fosse o deles, viram-se devidamente brindados com operações de busca e apreensão nos respectivos endereços domiciliares. Tiveram os sigilos quebrados, contas bloqueadas e redes sociais investigadas. Parece pouco, mas já serviu de aviso. O dublê de Zé Carioca, varejista e animador eventual da torcida do capitão, Luciano Hang, resolveu reclamar por ter sido tratado como bandido. Talvez não tenha percebido, por falta de conhecimento ou de interesse mesmo, que macular os artigos da Carta Magna com tais conspirações é crime basilar. No altar do motim abortado, o Procurador-Geral da República, Augusto Aras, ensaiando mais um gesto de fidelidade figadal ao capitão, irritou-se com o episódio que encurralou empresários - ficou "indignado", trataram de apontar assessores - e partiu para a habitual defesa fora das quatro linhas das atribuições que lhe cabem. Na escalada de radicalismo em curso, o Brasil se prepara no momento para a usurpação das comemorações do Sete de Setembro, numa captura tão indevida como afrontosa da data cívica e de seus símbolos, orgulhos nacionais, para meras anarquias. Bolsonaro quer mobilizações caudalosas, protestos para demonstrar uma suposta insatisfação geral dos brasileiros com o equilíbrio dos poderes. Espécie de ímpeto liberticida, um anseio que seria generalizado pelo ataque às instituições. Nada mais falacioso. Cercado por fanáticos arrivistas, que se contam aos pingados, o "mito" Messias imagina-se, quem sabe, o imperador da era moderna montado em um alazão a bradar nova independência, 200 anos depois de o País ter se livrado do jugo português e, por ocasião do movimento, restando cerca de 30 dias para o veredicto dos eleitores. Patética pantomima. Bolsonaro representa na verdade um rasgo de incongruências e atrasos na trajetória republicana brasileira. Implodiu com o que há de valores morais e convoca a turba ao caos, pregando uma ditadura sob seu comando. Ele só pensa nos interesses pessoais mais recônditos quando tenta liderar um quase motim institucional. Não existe o "nós contra eles". Apenas a sanha irrefreável de um caudilho psicopata buscando reinar de modo absolutista. ■

FOTO: REPRODUÇÃO/TWITTER

Sumário

Nº 2744 – 31 de agosto 2022
ISTOE.COM.BR

BRASIL Atitudes e decisões do Congresso e do Poder Judiciário tendem a enfraquecer o enfrentamento da corrupção

RELIGIÃO Falecido em 1934 e venerado no País, sobretudo no Nordeste, o cearense Padre Cícero tem o seu processo de beatificação iniciado pelo Vaticano

CULTURA Minissérie exibe de forma ficcional a conturbada trajetória do ex-pugilista norte-americano Mike Tyson, interpretado pelo ator Trevante Rhodes

CAPA/ESPECIAL Com fins eleitoreiros, Jair Bolsonaro apropria-se do Sete de Setembro e das comemorações do Bicentenário da Independência. Nos 200 anos da Proclamação, o Brasil vive um momento no qual busca assegurar a democracia ameaçada pelo seu presidente e mitigar a profunda desigualdade social

ILUSTRAÇÃO CAPA: NILSON CARDOSO
FOTOS EDITORIAIS: PABLO VALADARES; EVARISTO SÁ/AFP; BRAZIL PHOTO PRESS/BRAZIL PHOTO PRESS/AFP; DIVULGAÇÃO

por Marcos Strecker

Redator-chefe de ISTOÉ

POR QUE A LUTA DE SALMAN RUSHDIE É VITAL

Para muitos, a recente tentativa de assassinato do escritor britânico Salman Rushdie é apenas um problema distante. Alguns acham que o caso trata dos limites de criação artística diante da necessidade de tolerância religiosa, mas tudo restrito ao mundo anglófono – quem sabe, uma vingança até compreensível (mesmo que não justificável) em função dos erros cometidos pelo Ocidente no Oriente Médio.

Mas o ataque bárbaro tem muito a ver com o momento atual que o mundo atravessa, inclusive o Brasil. A polarização e o extremismo tentam limitar o debate e o próprio pensamento. As redes sociais e a internet ajudaram a criar a cultura do cancelamento, e vários autores são ameaçados ou correm o risco de serem banidos. Na maior parte do mundo, é bom lembrar, ainda prevalece a censura e a perseguição. A política instrumentaliza a religião, como a largada da campanha eleitoral no País reafirmou mais uma vez.

Um dos principais livros de Rushdie, *Os filhos da meia-noite*, é inspirado no realismo mágico, que transformou o cruel quadro social e a opressão política na América Latina em poderosa invenção literária. Que um escritor nascido na Índia dialogue com essa tradição antípoda diz muito sobre sua curiosidade e capacidade de empatia. O autor, nessa obra, também lida de forma simbólica com um passado inescapável: a separação da Índia do Paquistão, que colocou duas religiões em guerra, dividiu famílias e era considerada por Gandhi uma tragédia.

Rushdie não é um ativista político. Trata da ambiguidade e da alegoria como forças transformadoras e chaves de interpretação do mundo. Mas, no plano concreto, é um determinado defensor da liberdade de criação artística. Faz parte de uma geração de escritores que saíram da esquerda para questionar a condescendência com os crimes do comunismo e renovar a literatura britânica nos anos 1980.

O ataque ao autor tem a ver com o momento atual e também com o Brasil. O extremismo político e religioso quer calar o debate e o pensamento

O escritor mostra que os valores iluministas ainda estão em jogo. Ele lembra que a liberdade de manifestação não é apenas um luxo ocidental, mas um valor universal que precede todos os outros. Para ele, a esquerda atual comete um erro histórico ao defender que pessoas que se sintam ofendidas tenham o direito de revidar – como o fundamentalismo agiu para tentar matá-lo. Esse alerta vale para a cultura identitária e divisiva que colocou extremistas no poder e tenta monopolizar a política. Nesse caso, a esquerda e os novos autocratas de direita são igualmente culpados.

por

CRUZADA ELEITORAL

A Resolução 23.674/2021 do TSE regulamenta as eleições deste ano. Nela encontramos o calendário eleitoral. Dentre as informações, constatamos que propagandas eleitorais estão permitidas desde o dia 16 de agosto. Confrontar essa data com os fatos da vida real fará muita gente se questionar: mas antes disso não havia propaganda eleitoral? Analisar a eleição presidencial de 2022 demanda reconhecer que, informalmente, o pleito teve início muito antes de qualquer marco temporal legalmente definido. Além disso, é necessário considerar o peso da profunda polarização vivida desde 2018, determinante para essa atípica antecipação.

Oficialmente, a propaganda eleitoral começou há alguns dias. A campanha, porém, está na vida dos brasileiros desde o dia 1º de janeiro de 2019. As polêmicas falas presidenciais no cercadinho; a intensa militância digital; a politização da pandemia; as reviravoltas da Lava Jato, sobretudo por meio da Vaza Jato; a revisão dos

A verdade é que 2018 não acabou e que 2022 tende a apenas reforçar esse populismo dual, especialmente com Lula na condição de candidato

Luiz Fernando Amaral

Jurista

processos envolvendo Lula; os atritos entre integrantes dos Poderes da República, em especial Executivo e Judiciário; tudo isso manteve e aprofundou o clima eleitoral desde o 2º turno de 2018. Diante desse cenário, o surgimento de uma via alternativa – ou terceira via – para a eleição presidencial de 2022 sempre se mostrou desafiador e, com menos de 50 dias para o primeiro turno, segue ainda mais improvável. A força gravitacional da polarização sagrou-se maior do que a capacidade de articulação de outros atores políticos. Parcela expressiva do eleitorado foi posta em cenário no qual só duas alternativas parecem reais.

Se pedir voto é prática legalmente autorizada há poucos dias, agir como candidato e pautar a vida nacional para e pela eleição de 2022 não é algo novo. A verdade é que 2018 não acabou e que 2022 tende a apenas reforçar esse populismo dual, especialmente com Lula na condição de candidato. São praticamente quatro anos nessa cruzada eleitoral, pautados por discursos de ódio, pródigos em transformar adversários políticos em inimigos. Nos últimos meses, muito se tem dito a respeito dos riscos aos quais se encontra submetida a democracia no Brasil. Porém, quantos estão realmente dispostos a reconhecer que parte significativa desses riscos advém da frequente intolerância essencial a discursos que demonizam adversários? Em última instância, cabe ao eleitor perceber que o ódio não deve ser indutor de escolhas políticas. A segurança e o sucesso da democracia também passam por isso.

por Marco Antonio Villa

Historiador

O QUE ACONTECEU COM O BRASIL?

Não será tarefa fácil para o pesquisador quando se debruçar sobre o Brasil de 2022 como objeto de estudo. O historiador poderá contar com fontes primárias e secundárias, com arquivos pessoais e com depoimentos, se assim o desejar, de atores – protagonistas ou não – da conjuntura política. Apesar disso, não creio que conseguirá obter respostas imediatamente. Pode ser que o tempo, o desenrolar da nossa história seja um aliado. Pode ser. Contudo, a complexidade do momento histórico vai levar o pesquisador para alguns temas de difícil explicação. Como compreender historicamente – no sentido de Lucien Febvre – as eleições de 2018? O que aconteceu com o Brasil? E, mais concretamente, o que aconteceu conosco? Que País era aquele que elegeu um incapaz para a Presidência da República? No primeiro turno foram apresentados diversos candidatos que tinham história, programa e compromisso com a democracia. Mas o eleitor desconsiderou. Qual a razão? Foi só um voto de protesto ou algo mais?

E a formação do Congresso Nacional? A renovação, especialmente do Senado, foi significativa, a maior dos tempos recentes. Isso mudou alguma coisa? No triângulo de ferro da política nacional, São Paulo. Minas Gerais e Rio de Janeiro, foram eleitos de forma surpreendente – meia dúzia de senadores. Em outros estados acabaram sufragados pelo voto popular neófitos na política regional. Como explicar as derrotas das lideranças tradicionais? Depois de mais de três anos e meio de mandato presidencial, Jair Bolsonaro conseguiu sobreviver a maior tragédia sanitária da história nacional, desprezou a ciência, todas as recomendações dos especialistas em saúde pública e, mesmo assim, está muito bem-posicionado nas pesquisas de intenção de voto e, provavelmente, irá ao segundo turno. Teve êxitos econômicos que poderiam compensar o desastre da pandemia? Não. Edificou políticas sociais de longo prazo e, assim, fortaleceu o apoio das classes populares? Não. Foi um defensor da democracia como valor fundamental para enfrentar os grandes dilemas nacionais? Também não.

O País hoje é quase como um daqueles problemas matemáticos que permanecem séculos para serem decifrados

O Brasil, hoje, é quase como um daqueles problemas matemáticos que permanecem séculos para serem decifrados. Lembrando de Ortega y Gasset, é um País invertebrado. E que vive um dia após o outro sem que haja uma reflexão sobre o passado mais recente, o que aconteceu neste último quadriênio, ao menos. Por quê? O que aconteceu com o vibrante Brasil? Para onde foi a brava gente brasileira?

Frases

"CANSEI DO POP"

DEMI LOVATO, cantora norte-americana, ao lançar o seu álbum *Holy Fvck*

"Ela era mais que humorista"

MIGUEL FALABELLA, ator, referindo-se a Cláudia Jimenez, sua colega, que faleceu na semana passada

"A ARTE TEM DE ESTAR NA RUA"

FRANCISCO GAZITÚA, escultor chileno

"NÃO HAVERÁ OUTRO COMO EU"

GALVÃO BUENO, narrador de esportes, sobre a sua aposentadoria — ele se refere ao volume de atividades que acumula

FOTOS: DIVULGAÇÃO; LUIZ SOUZA/NURPHOTO/AFP; MATHEUS W ALVES/FUTURA PRESS/FOLHAPRESS; ANA BRANCO/AGENCIA O GLOBO

“A educação ambiental deve ser estimulada desde a infância”

CARLINHOS BROWN, cantor e compositor, sobre o musical *Paxuá e Paramim e o Novo Planeta Azulzinho*, para o qual fez as músicas

“Nossos corações anseiam por mais do que apenas a vingança”

ALEXANDER DUGIN, ideólogo de Vladimir Putin, sobre a morte de sua filha Daria Dugina

“O MODUS OPERANDI DELE É SEMPRE O MESMO. TRATA-SE DE UM ASSEDIADOR EM SÉRIE”

LUANDA PIRES, diretora do Me Too Brasil, a respeito do juiz Marcos Scalercio

“Sou a esquerda da direita ou a direita da esquerda”

MÁRCIO FRANÇA, ex-governador de São Paulo

“Ao trabalhar fico como se estivesse grávida do tema. Tudo que diz respeito a aquele universo me interessa”

MALU MADER, atriz

“APRENDI COM SHIRLEY JACKSON QUE, ÀS VEZES, O ASSUNTO MAIS DIFÍCIL E ASSUSTADOR VIVE DENTRO DE NÓS”

KEVIN WILSON, escritor

“OS JUROS NOS EUA SOMENTE VÃO PARAR DE SUBIR QUANDO ESTIVERMOS CONVENCIDOS DE QUE A INFLAÇÃO ESTÁ CAINDO”

ESTHER GEORGE, presidente distrital do Banco Central norte-americano

“O momento é de defesa da democracia. Passamos muito tempo discutindo fake news e deixamos de falar do que é importante”

DEBORA BLOCH, atriz

por Germano Oliveira

Colaboraram: Marcos Strecker e Ana Viriato

Brasil Confidencial

NA PERIFERIA Rodrigo visita Bom Prato Paraisópolis no primeiro dia da campanha: combate à fome

Os trunfos de Rodrigo

O governador **Rodrigo Garcia**, candidato à reeleição em São Paulo, dá início nesta semana à fase decisiva da campanha para manter-se à frente do governo paulista. É que com o começo da propaganda eleitoral no rádio e na TV nesta sexta-feira, 26, o tucano espera ultrapassar o bolsonarista Tarcísio, com quem está empatado em segundo lugar, e aproximar-se do petista Haddad, líder nas pesquisas, para disputar com ele o Palácio dos Bandeirantes no segundo turno. Em sua estratégia, Rodrigo tem trunfos importantes para superar o ex-ministro da Infraestrutura. Os publicitários do tucano mostrarão na TV que Tarcísio preferiu destinar os recursos do ministério que dirigia para o Rio de Janeiro em detrimento de São Paulo, conforme dados de um levantamento com 16 questões.

Retaliação

Os dados dos tucanos revelam que o "carioca" Tarcísio só entregou 18 kms de obras em rodovias paulistas nos últimos três anos e que a renovação da concessão da Dutra, feita por ele, só prevê a duplicação da rodovia no lado do Rio de Janeiro e nada no lado paulista. Com Tarcísio, os investimentos em infraestrutura em São Paulo caíram 36,5%.

Telinha

E esses números serão destacados por Rodrigo na TV. Afinal, o tucano tem mais do que o dobro do tempo de propaganda que os seus adversários. Com uma coligação de 10 partidos, incluindo o PSDB, MDB, União Brasil e Podemos, Rodrigo tem 4 minutos e 7 segundos, contra os 2 minutos e 13 segundos de Haddad e apenas 1 minuto e 37 segundos de Tarcísio.

Mordomias do Senado

Líder do governo no Senado, Carlos Portinho está em sua terceira viagem internacional do ano bancada pela Casa. Visita Londres para prestigiar o Brazilian Flavours Experience, voltado à promoção dos sabores de frutas e bebidas do Brasil no exterior. Antes, foi ao Porto (Portugal) e a Atlantic City (EUA). As viagens custaram R$ 54,7 mil: os tíquetes do voo ao Reino Unido ainda não estão nessa conta.

RÁPIDAS

* O Centrão quer continuar dando as cartas na Câmara em 2023, independentemente se o eleito for Lula ou Bolsonaro. Os três partidos da base fisiológica (PL, PP e PR) estão lançando 1.521 candidatos a deputado, contra os 574 de 2018. Hoje, o grupo tem 179 deputados.

*** O PT, que votou favoravelmente aos projetos de Bolsonaro criando as benesses eleitoreiras, está disposto a manter o orçamento secreto no Congresso, que, aliás, vai crescer de R$ 16 bilhões para R$ 19 bilhões.**

* Além de sugerir que a esquerda não promova manifestações para medir forças nas ruas com bolsonaristas no Sete de Setembro, Lula sinalizou que não cumprirá agenda de campanha nesse dia: fará pronunciamento nos meios digitais.

*** Michelle prometeu acompanhar Damares em agendas na Ceilândia, cidade natal e onde moram milhares de pessoas em situação de miséria do DF. Quer ajudar a amiga a vencer a disputa pelo Senado contra Flávia Arruda.**

FOTOS: PABLO JACOB; PEDRO FRANÇA/AGÊNCIA SENADO; JEFFERSON RUDY; DIVULGAÇÃO; DOUGLAS GOMES; REPRODUÇÃO

RETRATO FALADO

"A democracia não pode tolerar convivência com quem quer sabotá-la"

Randolfe Rodrigues *ingressou na quinta-feira, 18, com uma petição no STF pedindo que sejam investigados os empresários bolsonaristas que teriam defendido, em um grupo de WhatsApp, um golpe de Estado para manter Bolsonaro no cargo, caso ele perca as eleições. O documento do senador, que é líder da oposição e integra a coordenação da campanha de Lula, pede que os empresários sejam ouvidos, tenham os sigilos quebrados, as contas na Internet bloqueadas e as prisões decretadas.*

TOMA LÁ DÁ CÁ

PAULO PEREIRA DA SILVA, O PAULINHO DA FORÇA, DEPUTADO E PRESIDENTE DO SOLIDARIEDADE

O senhor apoia Lula, que defende a revogação da Reforma Trabalhista. Concorda com a proposta?

Já conversei com Lula sobre a revogação da Reforma Trabalhista que ele quer fazer e expliquei que isso não é necessário. Precisamos é da correção de alguns pontos, que prejudicam os trabalhadores.

O Brasil de Bolsonaro ficou mais pobre, com 33 milhões na miséria. Como mudar esse quadro?

Com emprego e políticas públicas que visem a redução da desigualdade social.

O presidente é acusado de ter destruído o Brasil. Quais são as principais áreas afetadas?

Para mim, todas as áreas importantes, como emprego, saúde, educação e cultura, foram afetadas negativamente pelo governo Bolsonaro, principalmente a econômica.

Fator TV

A menos de 40 dias das eleições, o quadro parece consolidado. Todos os institutos de pesquisas apontam Lula à frente, podendo até vencer no primeiro turno, e Bolsonaro atrás, tentando reduzir a diferença para levar a disputa para o segundo turno. O início do pagamento do Auxílio Brasil e a redução no preço da gasolina estão ajudando o capitão a alavancar sua candidatura, mas a esta altura somente o desempenho dos candidatos na televisão poderá mudar o jogo. As entrevistas no JN, da Globo, nesta semana, somadas ao começo dos programas gratuitos no rádio e televisão, nesta sexta-feira, 26, poderão alterar as tendências dos eleitores manifestadas até aqui.

Debate na Band

Nesse contexto, os debates programados pelas emissoras de televisão para os próximos 30 dias podem ser decisivos. E o primeiro teste de fogo começa neste domingo, 28, com Bolsonaro e Lula lado a lado na Band. Se os principais candidatos não fugirem, ainda teremos outros debates na televisão em setembro.

Péssimo padrinho

Hamilton Mourão (Republicanos) até começou na frente a caminhada de sua candidatura por uma vaga ao Senado pelo Rio Grande do Sul, mas depois despencou e já é o terceiro na disputa, resultado que o deixaria fora se a eleição fosse hoje: depois que ele colou sua imagem à de Bolsonaro as coisas pioraram. O presidente é péssimo cabo eleitoral.

Um fardo em Minas

A situação é bem pior em Minas Gerais, onde o candidato a governador de Bolsonaro, Carlos Viana (PL), está com apenas 5% das intenções de voto, atrás de Romeu Zema (Novo) com 47% e de Alexandre Kalil (PSD) com 23%. Em São Paulo, seu candidato, Tarcísio de Freitas, procura de desassociar do ex-capitão para não ser atingido por sua enorme rejeição.

A gastança de Bolsonaro

O capitão turbinou os gastos no cartão corporativo antes de entrar formalmente na campanha, no último dia 16. Entre janeiro e o início deste mês, o governo pagou R$ 9,6 milhões em despesas da Presidência da República relativas ao consumo de Bolsonaro e da sua família. O valor é 35,6% superior aos R$ 7,1 milhões gastos no mesmo período de 2021. As compras são sigilosas.

Coluna do Mazzini

O SEGREDO DA ILHA DE ANGRA

Uma mansão que já foi de Clara Nunes, uma ilha paradisíaca em Angra dos Reis (RJ), um jogador de futebol da Seleção, um empresário e político de Minas Gerais e um advogado influente próximo à família Bolsonaro. O script está num processo que chegou ao TJRJ, sob relatoria do desembargador Adriano Guimarães. A disputa é pela propriedade de fração da Ilha Comprida. Espólio da cantora, foi vendida há décadas para a M. Locadora de Veículos, de Santos. No processo, de um lado estão as empresas do jogador e do empresário – que alegam ter comprado a posse em 2011 da M. Locadora. Endividada e sem as certidões negativas à época do negócio, fechou-se "contrato de gaveta" sem escrituras. De outro lado, o advogado Willer Tomaz, cujos clientes contestam o negócio de "gaveta", e que conseguiram em maio o despejo dos caseiros da outra parte com liminar do desembargador. Willer alega que os clientes pagaram a posse aos donos da M. Locadora e regularizaram impostos de R$ 2 milhões para assumir o imóvel.

Ilha paradisíaca é disputada em guerra de documentos que opõem jogador da Seleção e sócio a novos compradores que alegam ter agora a posse legal

Invasão em Trancoso vira palanque

Uma candidata a deputada federal pelo PT da Bahia, sem-terra com carros e motos, fazenda cercada no trevo de Trancoso – e ano eleitoral. Centenas de famílias de periferias de cidades da Bahial viram a oportunidade de pegar lotes num futuro assentamento no balneário, cuja invasão começou em julho. Mas, para isso, devem votar em Lula da Silva para presidente e, para deputada, em Ivoneide Caetano (mulher do ex-secretário de Relações Institucionais do Governo da Bahia). Ela fez até comício no acampamento ilegal. O TJBA não ajuda: de dois anos para cá, 35 juízes se disseram suspeitos de julgar reintegração de posse de invasões na região.

O retorno de Dirceu

Fundador do PT, embora empurrado para escanteio no jogo do poder, José Dirceu não precisa do aval de Lula da Silva para articular apoio ao candidato. E o está fazendo. Viaja para capitais a fim de articular palanques e reforçar os quadros dos diretórios do partido a fim de fidelizar líderes locais sob sua tutela. É o velho Dirceu, de volta.

CPT: 25 assassinatos por terras em 2022

Dados inéditos da Comissão Pastoral da Terra (ligada à Igreja Católica) sobre violência na disputa por propriedades mostram a crueldade e descaso com que são tratados os mais indefesos. De janeiro a junho desse ano, foram registrados 25 assassinatos de indígenas, quilombolas, sem-terra e apoiadores. Entre eles sete indígenas; cinco apoiadores e ambientalistas –; como Bruno Pereira e Dom Philips – quatro sem-terra; seis lavradores assentados e dois quilombolas. Já o relatório de Violência Contra os Povos Indígenas no Brasil do Conselho Indigenista Missionário registrou 176 assassinatos de indígenas em 2021.

FOTOS: HEULER ANDREY/AFP; PEDRO LADEIRA/FOLHAPRESS; RODOLFO BUHRER/LA IMAGEM/FOTOARENA/FOLHAPRESS

por Leandro Mazzini

Colaboraram: equipe de Brasília, Rio de Janeiro e São Paulo

Requião entre Lula e pé na areia

Ex-governador do Paraná, Roberto Requião tem poder no MDB estadual e o seu espólio eleitoral. Mas nem tanto mais, na visão dos amigos do PT, pela cena flagrada há dias no Hotel Canta Galo, em Jacarezinho (PR). Ele telefonou para Gilberto Carvalho e reclamou da falta de apoio à sua candidatura ao Governo que vai abrir palanque a Lula no Estado. Lamentou viajar só de carro e exigiu apoio oficial, ou vai pegar a canga e ir para uma praia. Destilou reclamações. Requião foi prefeito de Curitiba quando a hoje presidente do PT, Gleisi Hoffmann, era líder estudantil.

Auxílio-Café para servidores do BB

Depois de o Governo cravar o Auxílio de R$ 600 para os pobres, a presidência do Banco do Brasil entrou na onda e deu agrado, mesmo simbólico, aos funcionários. Aumentou de R$ 15 para R$ 40 esse mês a Verba de Relacionamento Interno (existe desde 2002) em comemoração ao lucro recorde.

Diálise pede socorro

Trinta pessoas estão internadas e outras dezenas esperam leitos de UTI para tratamento de diálise em hospitais do DF. O custo da internação é de R$ 5mil/dia, e o SUS paga só R$ 218,47 a diária. A Associação Brasileira de Centros de Diálise e Transplante negocia com o GDF o cofinanciamento, como já o fazem os Estados do RJ, SC e MS.

BRICS na pista do BRT

Foi-se o tempo em que o BNDES ou bancos estaduais eram os principais canais de fomento para obras de administrações públicas. O Banco dos BRICS, presidido pelo brasileiro Marcos Troyjo, acaba de liberar R$ 59,6 milhões para a Prefeitura de Curitiba investir no aumento da capacidade e velocidade nas pistas do BRT da capital.

NOS BASTIDORES

Asas do advogado

O advogado Willer Tomaz comprou um jatinho Cessna com sócios e o negócio foi parar na Justiça por causa de uma parcela. Ele diz que a converteu em gastos com consertos.

Ex-corretor da União

A meta do Governo em fazer caixa na venda de preciosos imóveis fez uma vítima. Foi demitido o chefe da Superintendência da Secretaria de Patrimônio da União por "valer-se do cargo para lograr proveito".

Abra os olhos, Caiado

O Governo determinou a reforma de prédio da União no Setor Bueno, em Goiânia, para abrigar a Secretaria do TCU em Goiás. Tudo ok. O que chamou atenção é que um andar será reservado para uma central da Agência Brasileira de Inteligência.

Aldeia quer energia

A Coelba entrou no desafio de reforçar a energia da Aldeia Xandó, colada em Caraíva (BA), onde há hoje quase mil casas e só 40 relógios. Prometeu a entrega mas agora alega que espera licença ambiental.

Semana

por Antonio Carlos Prado e Fernando Lavieri

RÚSSIA

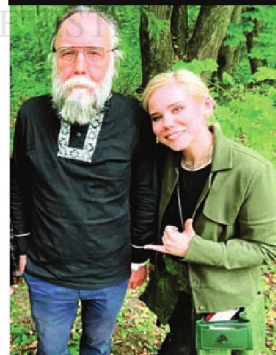
A guerra de guerrilha pode aniquilar Vladimir Putin

TRIUNFO Ucranianos divertem-se com tanques russos apreendidos e expostos em Kiev: vingança simbólica

Os ucranianos não chegaram a comemorar o atentado que matou nas proximidades de Moscou a jornalista Daria Dugina na explosão do carro que ela dirigia. Mas um sinal de que se sentiram vingados - uma vez que o pai de Daria, Alexander Dugin, é o principal ideólogo de Vladimir Putin - veio ao longo da semana passada: o entusiasmo demonstrado em conhecer armamentos russos apreendidos em Kiev e, agora, expostos. São os tanques as principais atrações e a população os escala como se fossem brinquedos. Enquanto isso ocorria no país invadido, o Kremlin seguia responsabilizando o serviço secreto da Ucrânia por "terrorismo e guerrilha", e a polícia russa acusou a cidadã ucraniana Natalia Vovk de "ser a executora do atentado". Segundo autoridades, "ela esteve no mesmo festival de literatura do qual participaram Alexander e Daria, e, depois, fugiu para a Estônia. Estava com sua filha de doze anos". A morte de Daria deixou claro que as forças internas de segurança da Rússia são menos eficientes do que Putin assegura, e tal fato transmitirá sensação de insegurança à população do país. As lamentações do Kremlin sobre aquilo que Putin chama de "guerrilha" ressoa de forma patética após Moscou ter ordenado o sistemático bombardeio de alvos civis na Ucrânia (inclusive hospitais e escolas). A tática de guerrilha é uma forma de guerra embutida em uma estratégia: sem condições de enfrentar o invasor em igualdade bélica, o comando ucraniano (embora negue autoria do atentado) tentará minar o adversário dentro de suas próprias fronteiras — a exemplo do que já fez quando foram incendiados reservatórios russos de combustível. O alvo do atentado era Alexander, mas ele e Daria, que endossa as teses belicistas do pai, trocaram de carros entre si ao saírem do festival.

PERÍCIA Soldados e policiais trabalham no local da explosão que matou Daria Dugina, próximo a Moscou: bomba e troca de carros

Mestres de Putin

Alexander Dugin, estrategista do expansionismo russo e guru ideológico de Vladimir Putin, tinha na filha Daria Dugina a herdeira de sua política belicista. Como jornalista e cientista política, ela exercia a função de comentarista em um canal de televisão estatal, em Moscou, e defendia que os ataques contra a Ucrânia fossem mais intensos e radicais.

PÉSSIMA HERANÇA Alexander Dugin e Daria Dugina: pai e filha unidos no belicismo

FOTOS: DIMITAR DILKOFF/AFP;

NOME TOMADO EM VÃO O grande continente: lazer e experimentos científicos

GOLPE

A compra de cidadania em um país inexistente

Na última terça-feira 23 a polícia italiana prendeu mais dez suspeitos de participarem de um surpreendente crime na região da Calábria – já são agora vinte e dois detidos. A quadrilha vendia certificados de cidadania de um país inexistente: Estado Teocrático Antártico de San Giorgio. Os falsos vendedores faturaram cerca de quatrocentos mil euros e convenciam os incautos de que, em tal país, os impostos eram com valores módicos e não havia a obrigatoriedade de vacinação contra a Covid. Os certificados oscilavam de preços entre duzentos e mil euros – esses últimos dariam, segundo os estelionatários, títulos de nobreza. Ludibriadores falsificavam trechos do verdadeiro Tratado da Antártida, assinado em 1959.

1959 Assinatura do acordo nos EUA: válido até 2041

O Tratado da Antártida

Em dezembro de 1959, nos EUA, doze países assinaram o Tratado da Antártida, que assegura justamente o contrário do golpe dado. Pelo documento, todas as nações que se interessavam por regiões continentais da Antártida abriram mão de suas pretensões, pelo menos até 2041, destinando toda a região à comunidade internacional interessada em pesquisas científicas.

AMÉRICA LATINA

Colômbia se distancia do movimento antiaborto internacional

A Colômbia, presidida por Gustavo Petro, deixa a aliança conservadora global chamada Consenso de Genebra, liderada pelo Brasil de Jair Bolsonaro. O acordo, sem caráter vinculante, foi criado no ano 2000 pelo ex-presidente dos EUA, Donald Trump. Seus membros se definem como antiaborto e a favor dos "valores da família tradicional". Na prática, a saída da Colômbia representa uma drástica mudança da política externa do país e o enfraquecimento das pautas defendidas pela extrema direita em todo o mundo.

FESTA Mulheres comemoram a saída do país do Consenso de Genebra: nova era

FOTOS: SEBNEM COSKUN/ANADOLU AGENCY/AFP; REPRODUÇÃO; RAUL ARBOLEDA/AFP

FUNDADOR
DOMINGO ALZUGARAY (1932-2017)
EDITORA
Catia Alzugaray
PRESIDENTE EXECUTIVO
Caco Alzugaray

ISTOÉ

DIRETOR EDITORIAL
Carlos José Marques

DIRETORES
DE REDAÇÃO: Germano Oliveira **DE EDIÇÃO:** Antonio Carlos Prado
REDATOR-CHEFE: Marcos Strecker

EDITORES: Ana Viriato (Brasília), Felipe Machado e Vicente Vilardaga
REPORTAGEM: Denise Mirás, Elba Kriss, Fernando Lavieri, Gabriela Rölke, Mirela Luiz, Taísa Szabatura e Carlos Eduardo Fraga (estagiário)
COLUNISTAS E COLABORADORES: Bolívar Lamounier, Cristiano Noronha, Elvira Cançada, José Manuel Diogo, José Vicente, Luiz Fernando Prudente do Amaral, Marco Antonio Villa, Mentor Neto, Rachel Sheherazade, Ricardo Amorim e Rosane Borges

ARTE
DIRETORA DE ARTE: Renata Maneschy
EDITOR DE ARTE: Arthur Fajardo
DESIGNERS: Alexandre Souza, Claudia Ranzini, Therezinha Prado e Wagner Rodrigues
INFOGRAFISTA: Nilson Cardoso

ISTOÉ ONLINE: Diretor: Hélio Gomes
Editor executivo: Edson Franco
Editor: André Cardozo
Editores-assistentes: André Ruoco e Heitor Pires
Reportagem: Alan Rodrigues, Carlos Carvalho, Cristiani Dias, Ingrid Rodrigues, Larissa Pereira, Leticia Sena, Mariana Stocco, Natália Ferreira e Vinícius Silva
Web Design: Alinne Souza Correa e Thais Rodrigues Ferreira Fernandes

AGÊNCIA ISTOÉ: Editor: Frédéric Jean
Pesquisa: Salvador Oliveira Santos
Arquivo: Eduardo A. Conceição Cruz

CTI: Silvio Paulino e Wesley Rocha

APOIO ADMINISTRATIVO
Gerente: Maria Amélia Scarcello **Secretária:** Terezinha Scarparo
Assistente: Cláudio Monteiro
Auxiliar: Eli Alves

MERCADO LEITOR E LOGÍSTICA
Diretor: Edgardo A. Zabala

Gerente Geral de Venda Avulsa e Logística: Yuko Lenie Tahan

Central de Atendimento ao Assinante: (11) 3618-4566
de 2ª a 6ª feira das 10h às 16h20. Sábado das 9h às 15h.
Outras capitais: 4002-7334
Outras localidades: 0800-8882111 (exceto ligações de celulares)
Assine: www.assine3.com.br
Exemplar avulso: www.shopping3.com.br

PUBLICIDADE
Diretor nacional: Maurício Arbex **Secretária da diretoria de publicidade:** Regina Oliveira **Assistente:** Valéria Esbano **Gerente executivo:** Andréa Pezzuto **Diretor de Arte:** Pedro Roberto de Oliveira **Coordenadora:** Rose Dias **Contato:** publicidade@editora3.com.br **ARACAJU – SE:** Pedro Amarante · Gabinete de Mídia · **Tel.:** (79) 3246-w4139 / 99978-8962 – **BELÉM – PA:** Glícia Diocesano · Dandara Representações · **Tel.:** (91) 3242-3367 / 98125-2751 – **BELO HORIZONTE – MG:** Célia Maria de Oliveira · 1a Página Publicidade Ltda. · **Tel./fax:** (31) 3291-6751 / 99983-1783 **– CAMPINAS – SP:** Wagner Medeiros · Wem Comunicação · **Tel.:** (19) 98238-8808 **– FORTALEZA – CE:** Leonardo Holanda – Nordeste MKT Empresarial – **Tel.:** (85) 98832-2367 / 3038-2038 – **GOIÂNIA–GO:** Paula Centini de Faria – Centini Comunicação – Tel. (62) 3624-5570/ (62) 99221-5575 – **PORTO ALEGRE – RS:** Roberto Gianoni, Lucas Pontes · RR Gianoni Comércio & Representações Ltda · **Tel./fax:** (51) 3388-7712 / 99309-1626 **– INTERNACIONAL:** Gilmar de Souza Faria · GSF Representações de Veículos de Comunicações Ltda · **Tel.:** 55 (11) 99163-3062

ISTOÉ (ISSN 0104 - 3943) é uma publicação semanal da Três Editorial Ltda. **Redação e Administração:** Rua William Speers, 1.088, São Paulo – SP, CEP: 05065-011. **Tel.:** (11) 3618-4200 – **Fax da Redação:** (11) 3618-4324. São Paulo – SP. Istoé não se responsabiliza por conceitos emitidos nos artigos assinados. **Comercialização:** Três Comércio de Publicações Ltda, Rua William Speers, 1212, São Paulo – SP. **Impressão: OCEANO INDÚSTRIA GRÁFICA LTDA**. Rodovia Anhanguera, Km 33, Rua Osasco, nº 644 – Parque Empresarial – 07750-000 – Cajamar – SP

ANER
www.aner.org.br

CÍVICO-ELEITORAL
Jair Bolsonaro e a primeira-dama Michelle recepcionam o coração de Dom Pedro I no Palácio do Planalto, na terça-feira, dia 22

O presidente usa o **Sete de Setembro** para reverter a situação difícil na corrida eleitoral. Faz parte dessa estratégia a **recepção do coração de Dom Pedro I,** que ele utiliza para associar a Independência ao seu projeto autoritário. Mas, ao contrário da bem-sucedida apropriação cívica feita pelo regime militar no Sesquicentenário, a **ação de Bolsonaro não tem eco na sociedade** e as **iniciativas radicais são limitadas pelo Judiciário,** como mostrou a **operação do TSE** contra empresários que defendiam o golpe

Marcos Strecker a Ana Viriato

A POLITIZAÇÃO DO BICENT

Quando recepcionou solenemente o coração de Dom Pedro I no Planalto na última terça-feira, o presidente deu uma de suas últimas cartadas para se manter no poder. A apropriação das comemorações do Bicentenário para alinhar simbolicamente seu projeto de poder à celebração da Independência é uma das últimas oportunidades que terá para reverter o cenário desfavorável nas pesquisas eleitorais. Bolsonaro dedicou à cerimônia a pompa dedicada a chefes de Estado. A relíquia foi transportada ao Palácio do Planalto pelo Rolls Royce da Presidência, enquanto o capitão e a primeira-dama Michelle aguardavam no alto da rampa. Tratou-se de uma verdadeira festa cívica, convertida em operação eleitoral: foi ampliado o contingente dos Dragões da Independência, canhões soltaram 21 tiros e a Esquadrilha da Fumaça se exibiu duas vezes.

A ideia de trazer o coração do primeiro imperador do País foi da médica bolsonarista Nise Yamaguchi, investigada na CPI da Covid. Além de emprestar gravidade histórica às festividades, permitiria associar no imaginário popular o presidente a Dom Pedro I. Embora célere, o discurso de Bolsonaro evidenciou a proposta: "Dois países, unidos pela história, ligados pelo coração. Duzentos anos de independência. Pela frente, uma eternidade em liberdade". E emendou com o lema integralista, de inspiração fascista, que também foi usado pela ditadura salazarista em Portugal: "Deus, pátria, família!". Depois da solenidade, o órgão foi transportado para o Palácio do Itamaraty, onde estava desde a manhã de segunda-feira, depois de ser recebido com honrarias pelo embaixador de Portugal no Brasil, Luiz Felipe Melo.

ENÁRIO

FOTO: ERALDO PERES/AP PHOTO

Segundo aliados de Bolsonaro, o evento impulsiona a paixão nacional antes do Sete de Setembro, momento em que o chefe do Executivo pretende reunir seus apoiadores e, tudo indica, voltar a questionar ilegalmente o processo eleitoral. O Bicentenário ocorre no momento crucial da corrida eleitoral. Até a última segunda-feira, aliados estavam certos de que haviam conseguido convencer o presidente a conter seus ataques nos discursos que deve fazer no Sete de Setembro. Diziam que, apesar da contundência do discurso de Alexandre de Moraes na posse como presidente do TSE, o ministro e o presidente tinham sinalizado uma trégua. O armistício estaria comprovado pela redução dos ataques do capitão às urnas e pela disposição de Moraes em atender, em um prazo curto, o ministro da Defesa, Paulo Sérgio Nogueira (o que de fato ocorreu), que tenta questionar a integridade das urnas por pressão de Bolsonaro.

EMPRESÁRIOS E O GOLPE

O clima, porém, azedou na terça-feira, quando Moraes usou o inquérito das milícias digitais para acatar o pedido da PF e ordenar diligências contra oito empresários que trocaram mensagens de teor golpista em um grupo de WhatsApp. O episódio enfureceu Bolsonaro, mas no Supremo, a decisão não surpreendeu ninguém. Desde a divulgação das mensagens dos empresários pelo portal *Metrópoles*, ministros esperavam uma reação de Moraes. O relator dos inquéritos que provocam dores de cabeça ao Planalto não confidenciou a colegas se o despacho decorreu apenas das conversas em que os aliados de Bolsonaro defendem um golpe ou se processos como o das milícias digitais contêm outros indícios de prática de crimes por eles. Para apoiar os aliados endinheirados e não expor o presidente, decidiu-se que as críticas à operação seriam canalizadas por terceiros, como Flávio Bolsonaro. Os envolvidos seguiram o plano à risca. Em agendas de campanha, Bolsonaro não desferiu ataques a Moraes e, nas redes, o trabalho ficou com seus aliados.

A ação da PF enfureceu o Procurador-Geral, Augusto Aras, que afirma não ter sido informado previamente (Moraes o desmentiu). O inquérito é sigiloso, mas especula-se que o PGR teria ficado incomodado porque os celulares apreendidos poderiam trazer diálogos dele com empresários bolsonaristas. As apurações também podem apontar eventual financiamento de atos antidemocráticos, inclusive no Sete de Setembro de 2021, quando Bolsonaro disse que não acataria mais decisões do STF. A ação autorizada por Moraes também incomodou juristas por ter origem em uma conversa privada. A gravidade dos ataques à Constituição e as conclusões posteriores poderão dirimir a questão, que por enquanto favorece amplamente a iniciativa do TSE. O presidente do Senado, Rodrigo Pacheco, por exemplo, disse que a manifestação dos empresários era uma "traição à Pátria".

Os próximos passos de Bolsonaro ainda são uma incógnita. Assessores palacianos e ministros envolvidos na pacificação, principalmente do Centrão, dizem que ele está ciente de que seus avanços sobre o TSE e Moraes podem lhe custar pontos nas pesquisas e até mesmo comprometer o registro de sua candidatura. O presidente, por outro lado, tem um histórico errático e costuma se deixar levar em meio à massa extremista. "O principal ponto da ação da PF não é como isso irritou o governo, mas como inflamará os atos do mês que vem. Vivemos numa situação em que os radicais incentivam o presidente a reagir de forma dura e nós o puxamos de volta", pontua um interlocutor da ala política, sob reserva. Nos corredores do Planalto, uma coincidência é frisada. No ano passado, Moraes decretou, em 20 de agosto, buscas contra aliados de Bolsonaro, como o cantor Sérgio Reis, o deputado federal Otoni de Paula e o ruralista Antonio Galvan, acusados de organizar e financiar os protestos antidemocráticos do Sete de Setembro. Foi depois deste despacho que, dias depois, no ato de São Paulo, o presidente chamou o ministro de "canalha" e prometeu descumprir decisões judiciais. A similaridade preocupa os aliados do capitão. A decisão do TSE, na quarta-feira, de mandar retirar da internet o vídeo em que Bolsonaro ataca o sistema eleitoral para embaixadores estrangeiros só comprova que o rigor do tribunal e a tensão se manterão.

Alexandre de Moraes manteve a promessa de rigor e mandou a PF apurar mensagens de apoiadores do presidente

ATOS NO DIA 7

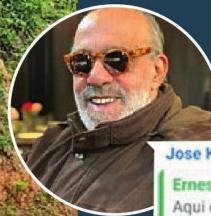
A avaliação entre os fardados, porém, é de que Moraes tem "trânsito" e "afinidade" com as Forças Armadas. O ministro mantém canal aberto com generais, sobretudo do Comando do Leste, que abrange o Rio, reduto eleitoral do mandatário. A relação, dizem militares, pode ajudar a pacificar os ânimos entre TSE e o Planalto e, assim, pesar para que Bolsonaro amenize o tom no Sete de Setembro. O palco fluminense ainda suscita dúvidas. No Rio, o desfile cívico-militar não ocorrerá na Avenida Presi-

MITOLOGIA Bolsonaro tenta aparecer como herói reproduzindo imagens icônicas de Dom Pedro I. Abaixo, ele inaugura obra em Uberlândia (MG)

dente Vargas, conforme a tradição, ou na praia de Copacabana, como desejava Bolsonaro. Existe a previsão de uma parada na Vila Militar do Rio na véspera do Bicentenário, no dia 6. No dia seguinte, a Avenida Atlântica terá apresentações mais simples, com as águas tomadas por navios de guerra da Marinha e performances da Esquadrilha da Fumaça e de paraquedistas do Exército. As Forças foram informadas pela Defesa e pelo Planalto de que haverá uma estrutura de cerimônia oficial na altura de Copacabana, próximo ao Forte. A presença do comandante do Exército, Marco Antônio Freire Gomes, ainda não está confirmada. Após esse ato oficial, deve ocorrer na orla uma manifestação de apoio ao presidente.

Antes disso, na parte da manhã, será respeitado o rito tradicional em Brasília. Bolsonaro participará do hasteamento da bandeira no Alvorada e vai se locomover até a estrutura montada na Esplanada nos Ministérios. Na celebração, ele estará ladeado pelo presidente de Portugal, Marcelo Rebelo de Sousa, e por outros chefes de governo de países de língua portuguesa. Como no ano passado, o capitão tende a comparecer à manifestação dos seus apoiadores que deve acontecer na sequência. Porém, ainda não sinalizou se discursará. Por ora, o mapeamento realizado pelo Exército e pelo Ministério da Defesa não vê

PATRIOTA Luciano Hang é um dos oito empresários que o TSE mandou investigar. Conhecido por usar as cores nacionais, ele já constava de inquérito aberto no STF

NA MIRA DA PF Dono do Barra World Shopping, José Koury é um dos investigados que trocaram mensagens no WhatsApp

Jose Koury

Ernesto

Aqui e no exterior,Será encarado como ameaça de golpe. Alguma dúvida ?

Prefiro golpe do que a volta do PT. Um milhão de vezes. E com certeza ninguém vai deixar de fazer negócios com o Brasil. Como fazem com várias ditaduras pelo mundo.

17:55

FOTOS: DIVULGAÇÃO/SCO/STF; ALAN SANTOS/PR; REPRODUÇÃO

PREPARAÇÃO Outdoor de apoio a Bolsonaro anuncia o desfile em Brasília

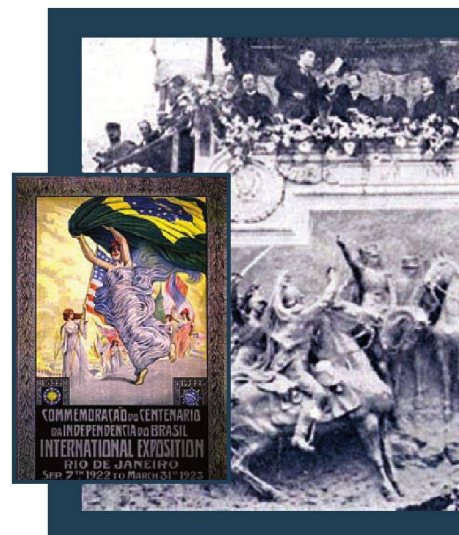
ameaças de depredações ou invasões de sedes de Poder em Brasília ou no Rio. As forças de segurança que vão atuar em Brasília, por outro lado, querem impedir que caminhões acessem a Esplanada dos Ministérios e se aproximem da sede do STF. No ano passado, a presença de caminhoneiros foi uma surpresa e gerou momentos tensos. Este ano, por outro lado, haverá 28 tratores participando da parada oficial, deslocados por ruralistas que apoiam o presidente, a pedido dele. A ideia inicial era levar 300 deles, com o apoio do movimento Brasil Verde e Amarelo. O grupo também vai disponibilizar o carro de som que será usado pelos bolsonaristas em seguida à exibição militar.

ESFORÇO SIMBÓLICO

Ainda é uma incógnita se Bolsonaro vai conseguir instrumentalizar o Sete de Setembro, mas as tentativas têm sido intensas. Um relatório elaborado por pesquisadores da UFBA e da UFSC mostra que aumentaram os ataques ao TSE desde junho, quando se tornaram mais frequentes as convocações para os atos. Segundo o trabalho, os pedidos de apoio ao voto impresso (pauta principal dos protestos de 2021) diminuíram para dar lugar à incitação a um golpe. A celebração do Bicentenário, que ocorrerá a 25 dias do pleito, também será um teste para se aferir o sucesso das investidas do bolsonarismo em capturar o imaginário associado à Independência.

A história tem força política, como sabem os governantes. No centenário da Independência, em 1922, o presidente Epitácio Pessoa tentou projetar uma visão moderna e pujante do País por meio de uma ambiciosa Exposição Universal no Rio de Janeiro (o prédio da Academia Brasileira de Letras é uma das heranças desse evento). Em São Paulo, foi inaugurado o Monumento à Independência contíguo ao Museu do Ipiranga, que havia sido construído 30 anos antes com dinheiro de cafeicultores e industriais locais. Foi o momento em que se reconciliou a visão republicana e a memória da monarquia, com a reabilitação de Dom Pedro I e Dom Pedro II. Cinquenta anos depois, a ditadura associou a Independência ao regime militar durantes as comemorações do Sesquicentenário - um marco inusual. Na ocasião, os despojos de Dom Pedro I foram repatriados e circularam por várias capitais do País, e desde então estão numa cripta no prédio erguido no Ipiranga. O atual empréstimo do coração do imperador em Brasília tenta repetir o gesto.

Essa última operação de Bolsonaro é, por assim dizer, a culminação de um esforço simbólico. Ele e seus apoiadores têm se esforçado nos últimos anos para reescrever a história do País, ainda que o governo tenha "acordado tarde para a importância da efeméride", segundo o historiador Jurandir Malerba, professor titular da UFRGS. Ele aponta que o momento está servindo para uma reinterpretação retrógrada e conservadora, que reedita "discursos edificantes". Assim como o bolsonarismo foi turbinado por meio de *fake news*, a manipulação da história está gerando a *fake history*, diz Malerba. Grupos bolsonaristas tentam mostrar teorias conspiratórias sobre o passado e contar a "história nunca revelada". Divulgam versões que associam a separação do Brasil de Portugal à expulsão dos mouros da Península Ibérica. É uma aberração. Juntar símbolos como as cruzadas, a cruz de malta (que consta do material oficial do governo), templários e o orgulho cristão são apenas pastiches sem qualquer rigor científico usados como combustível para inflamar radicais. Essa interpretação paralela da história, agora, se traduz no discurso que prega a urgência da libertação do Brasil da "ameaça comunista". Na mesma lógi-

FOTOS: WENDERSON ARAUJO; REUTERS/RICARDO MORAES; REPRODUÇÃO

PATRIOTAS Início da campanha do presidente em Juiz de Fora (MG), dia 16

ca, busca-se revalorizar a monarquia. O presidente patrocinou essa falsificação da história nos órgãos de cultura.

Até agora, as investidas do mandatário foram em vão. Na sociedade, o apoio à ditadura até diminuiu. Segundo uma pesquisa Datafolha divulgada no dia 19, 75% dos brasileiros dizem que a democracia é sempre a melhor forma de governo, enquanto 7% preferem a ditadura em determinadas circunstâncias. Em setembro de 2021, 70% eram a favor da democracia e 9% apoiavam a ditadura. A verdade alternativa pregada pela bolha bolsonarista ainda não conseguiu ecoar no imaginário da população, que apoia a normalidade democrática. O Bicentenário, ao contrário do que deseja o presidente, serve como oportunidade para a Nação rediscutir sua identidade e avaliar por que continua a ser o País de um futuro que nunca chega, a registrar uma das maiores desigualdades do mundo e qual a razão das vozes anacrônicas que pregam a volta a regimes autoritários ainda se perpetuarem. ■

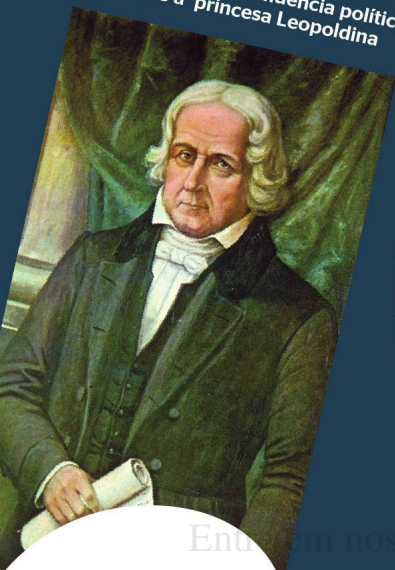
A APROPRIAÇÃO DA EFEMÉRIDE

Governos em 1922 e 1972 usaram a Independência para projetar modernidade e legitimar o regime militar

O centenário da Independência, em 1922, foi marcado por uma exposição universal na capital da República. Os pavilhões grandiosos projetavam uma imagem de modernidade para as delegações estrangeiras. Mas a reforma urbana no Rio provocada pelo evento agravou a marginalização dos pobres. A eclosão do movimento tenentista e a Semana de Arte em São Paulo prenunciavam a mudança do eixo econômico e o fim da República Velha oito anos depois. No Sesquicentenário, em 1972, os militares organizaram um cortejo com os restos mortais de Dom Pedro I, que foram repatriados. O início da popularização da TV em cores ajudou no espetáculo ufanista. Era o período da maior repressão e censura. Mesmo assim, ocorreu um boom de lançamentos editoriais e debates sobre o significado histórico da data, o que acontece com menos vigor no Bicentenário.

PÚBLICO Inauguração do Monumento à Independência no Ipiranga (à esq.) durante o Centenário. Cartaz (no destaque) anuncia a exposição no Rio, em 1922. Em 1972, os militares promoveram desfiles dos restos mortais de Dom Pedro I, como no Aterro do Flamengo (à dir.)

Leia mais www.istoe.com.br

JOSÉ BONIFÁCIO
Principal conselheiro de Pedro, ele foi um dos enfáticos redatores da carta na qual aconselhava o príncipe regente a libertar, da metrópole, a colônia. Exerceu grande influência política sobre a princesa Leopoldina

PRINCESA LEOPOLDINA
Foi quem redigiu a Declaração da Independência antes de Pedro proclamá-la. Teve exata percepção da história: ou a separação de Portugal se dava por decreto, e os privilégios da elite ficavam assegurados no Império, ou podia o povo forçar a instauração do regime republicano

O GRI

As **razões políticas e econômicas** – e também passionais – que **levaram Dom Pedro a Proclamar a Independência.** Começavam a surgir movimentos populares, com a **participação de mulheres e escravos,** e alguns já propunham o regime republicano. **Separar-se de Portugal por decreto** foi o meio que o establishment da colônia encontrou para **não perder os privilégios** da monarquia

Antonio Carlos Prado

MARIA FELLIPA
Escrava e grande heroína brasileira. Incendiou quarenta embarcações lusitanas nas Guerras da Independência

MARIA QUITÉRIA
Proibida de ir ao front, ela vestiu-se feito homem (trajes do cunhado) e guerreou contra os portugueses

JOANA ANGÉLICA
Sóror, ela impediu com o corpo o ingresso de soldados lusos em uma igreja. Foi morta a golpes de baionetas

DOMITILA DE CASTRO
Pedro foi seu amante enquanto era casado com Leopoldina e deu-lhe o título nobiliárquico de Marquesa de Santos. Relacionava-se amorosamente também com a irmã dela, Maria Benedita Canto e Mello. Domitila mandou matá-la. Errou-se o tiro na Ladeira da Glória e a moça saiu incólume

A Independência do Brasil, libertando-se e deixando de ser colônia de Portugal, foi Proclamada a Sete de Setembro de 1822, por Dom Pedro, quando príncipe regente – ainda não ostentando, portanto, a distinção em algarismo romano que os reis incorporam a seus nomes.

Vamos ao Grito.

Pedro viajara do Rio de Janeiro, sede do governo colonial, a São Paulo, visando acepilhar as arestas entre políticos liberais e conservadores. Obteve relativo sucesso, cresceu em ego, e, ao retornar, ainda em solo paulista, passou na casa de sua amante, Domitila de Castro, a quem dera o título nobiliárquico de Marquesa de Santos. Houve discussão, ela fervendo de ciúme porque Pedro também se relacionava sexualmente com sua irmã, Maria Benedita Canto e Mello. Com o coração apertado ele seguiu viagem, quando, às margens do riacho Ipiranga, também em São Paulo, um mensageiro entregou-lhe missiva assinada pela princesa Leopoldina, sua esposa, e por seu conselheiro político, José Bonifácio de Andrada e Silva. Diziam-lhe na carta que as Cortes Extraordinárias Portuguesas, criadas com a Revolução Liberal da cidade do Porto em 1820, exigiam a sua volta imediata a Portugal. Assim sendo, Leopoldina e Bonifácio aconselhavam-no a declarar o Brasil independente – Declaração de Independência, aliás, que ela até já redigira e assinara. Pedro, agastado, desembainhou a espada e gritou: "Independência ou Morte!".

As águas do riacho Ipiranga batizaram o Brasil livre. Para tecer a jornada humana, a vida pessoal e emocional mistura-se com a vida social e política. Segundo ensina o universal perscrutador da alma humana Machado de Assis, não há uma grande alegria pública que valha tanto quanto uma pequena alegria particular. Pedro estava sem uma e sem outra. O desentendimento com "Titília" (assim ele chamava Domitila; e ela o apelidara de "Demonão") exacerbou o seu tédio e isso influenciou no Grito. Mas é óbvio que há um pano de fundo político, e, para entendê-lo, é necessário retroceder no tempo.

Em 1808, Dom João VI e a família real fugiram das tropas de Napoleão e vieram para cá. Com isso passamos a integrar o Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves. Tudo eram flores e licores, até que, em 1820, Dom João teve de regressar porque estourara a já citada Revolução Liberal do Porto. Ele deixou no Brasil feito regente o seu filho mais velho, Pedro de Alcântara (são 18 nomes ao todo), mas os revolucionários portugueses

REVOLUÇÃO DO PORTO
Cortes constitucionalistas: sopro de ares liberais, mas contrários à autonomia que fora dada a Pedro (à esq.)

FOTOS: REPRODUÇÃO

JOIA DA COROA
Quadro pintado por Pedro Américo, em Florença, em 1868: entre todas as telas representando a Proclamação da Independência, essa se tornou símbolo nacional

planejaram prender o moço príncipe, levá-lo à metrópole e rebaixar o Brasil novamente a condição extrativista. As elites forçaram então a Proclamação, garantindo o status quo, até porque no Nordeste já se começava a falar em regime republicano. "A cearense Bárbara de Alencar, por exemplo, tomou a Câmara e declarou que estava instaurada a República. Tornou-se a primeira presa política do Brasil", diz a historiadora Heloisa Starling. A frase "façamos a revolução antes que o povo a faça", atribuída a Antonio Carlos de Andrada em 1930, colocando Getúlio Vargas no poder e encerrando o reinado de algumas oligarquias advindas do Império, é perfeita para a situação de cerca de um século antes. Ficou assim explicado, em minudências, o papel do establishment na Independência: para as elites era melhor a separação por decreto que a revolução popular republicana.

Veio a realeza do algarismo romano: Pedro tornou-se Pedro I. Leopoldina seguiu tendo papel decisivo, em seu gabinete, assim como outras mulheres e escravos que enfrentaram nos campos de batalha as tropas lusitanas nas Guerras da Independência – o processo não foi pacífico. A sóror Joana Angélica perdeu a vida à baioneta; a escrava Maria Felipa incendiou quarenta embarcações portuguesas; Maria Quitéria vestiu-se de homem (trajes militares do cunhado) para guerrear. Pedro I, verdade seja dita, amava o Brasil. E amava Domitila, a ponto de lhe perdoar o fato de ter contratado gente para matar a própria irmã Maria Benedita – errou-se o tiro na Ladeira da Glória e a moça saiu incólume. Leopoldina e Bonifácio tinham um projeto liberal para o Brasil, Pedro não: era sentimental demais na paixão, vulnerável demais às mulheres, autoritário demais na política.

O seu reinado foi turbulento. Morreu Leopoldina e ele casou-se com Amélia de Leuchtenberg. Muitas brigas. Investido do Poder Moderador, dissolveu a Constituinte, trombando com os liberais.

FOTOS: REPRODUÇÃO; FABIO BRAGA/DIVULGAÇÃO

Em 1826 faleceu em Portugal Dom João VI e as elites daqui temeram que agora, feito rei também dos portugueses, Pedro as colocasse em segundo plano. Por último, vieram a crise econômica de 1829 e a falência do Banco do Brasil. Pedro abdicou do trono a 7 de abril de 1831. Saiu do Brasil vaiado e apedrejado pela população, e retornou a Portugal onde morreu, três anos depois, de grave infecção decorrente de doença sexualmente transmissível e de tuberculose. O seu coração guarda-se na cidade do Porto, o restante de seu corpo está em solo brasileiro. Era seu fado amar, reinar e descansar nas duas pátrias. ■

Colaborou: Fernando Lavieri

O TRISTE ADEUS AO BRASIL

O filme *A Viagem de Pedro*, de Laís Bodanzky, narra sua volta a Portugal

Felipe Machado

No momento em que o coração de Dom Pedro I volta ao Brasil com honras de chefe de Estado, fica até difícil imaginar que o herói da Independência deixou o País a pedradas, sob vaias e críticas dos brasileiros que ajudou a libertar. Escrito e dirigido por Laís Bodanzky, *A Viagem de Pedro* conta justamente essa história. Ao contrário do imponente personagem histórico que estamos acostumados a ver no quadro de Pedro Américo, o Dom Pedro I do filme é retratado como um homem fragilizado, sensível e com problemas de saúde. A produção se passa em 1831, nove anos após o Grito do Ipiranga. Ele volta a Europa para lutar pelo trono de Portugal contra o irmão Miguel. Vive um dilema, uma vez que é visto como colonizador português no Brasil, e "brasileiro demais" pelos conterrâneos, que o julgam um traidor. O filme se passa praticamente na embarcação, em alto mar, onde aflora o contraste entre os luxos da família real e a simplicidade do restante da tripulação. Com boa atuação de Cauã Raymond no papel principal, o longa chega aos cinemas em 1º de setembro. A diretora Laís Bodansky comentou a chegada do coração de Dom Pedro ao País: "o governo atual flerta com ideais militares. Pedir o coração emprestado é uma forma ufanista e superficial de comemorar os 200 anos de uma independência que, de fato, nunca aconteceu. Podemos não ser mais colônia de Portugal, mas ainda somos uma colônia".

SOB PEDRAS
Cauã Raymond como Dom Pedro I: enxotado pelos brasileiros devido a sua ligação com a Coroa, era chamado de traidor pelos conterrâneos portugueses

LAÇOS REVIGORADOS

Fluxo comercial e de investimentos **sofreu várias modificações ao longo dos séculos,** mas continua sólido. Como porta de entrada da Europa, **Portugal atrai cada vez mais brasileiros.** Multinacionais portuguesas são atraídas pelo enorme mercado brasileiro ***Mirela Luiz***

PARCERIA
A portuguesa Maria do Céu e o brasileiro Leonardo Freitas são sócios na Hayman-Woodward

Brasil e Portugal estão conectados economicamente mesmo 200 anos após a Independência. Ao longo do tempo, os fluxos de capitais e interesses comerciais variaram e mudaram de direção, mas a relação nunca deixou de ser relevante. O interesse para os portugueses é evidente. O Brasil é um mercado de mais de 200 milhões de habitantes. É vital na estratégia de internacionalização da economia lusitana. Atualmente, é o destino de mais de 1.500 empresas do País europeu. A portuguesa EDP é um exemplo dessa ligação. Há 26 anos no Brasil, é uma companhia global que tem hoje no País seu segundo maior mercado entre os 29 em que atua. A contribuição, por aqui, vai além dos negócios de energia. "Direcionamos recursos para o apoio à reconstrução do Museu da Língua Portuguesa e à restauração do Museu do Ipiranga, em que fomos a primeira empresa a anunciar patrocínio", declara João Marques da Cruz, CEO da EDP no Brasil.

Por outro lado, Portugal apresenta-se hoje como um destino prioritário. De acordo com dados recentes do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras, o número de brasileiros morando legalmente em Portugal cresceu pelo quinto ano consecutivo e atingiu a marca recorde de 209.072 pessoas em 2021, representando 29,2% de todos os estrangeiros que vivem em situação regular no País. Portugal ocupa posição favorável nos rankings internacionais de negócios, e está em ascensão. O Grupo Boticário conhece bem essa realidade. Está há 35 anos em Portugal, onde conta com 59 lojas físicas, além e-commerce e venda direta. "O País tem características que se aproximam muito com o nosso negócio no Brasil. Acreditamos na potência deles, nos inúmeros benefícios e comodidades que tornam Portugal atrativo, desde seu ecossistema digital à proximidade do idioma, custo de vida e flexibilização para obtenção de visto", diz Daniel Knopfholz, vice-presidente de digital e tecnologia do grupo.

Aquilo que era a intuição de poucos empresários há 30 anos, hoje é certeza. Exemplo de uma união comercial de sucesso entre os dois países é a sociedade da doutora Maria do Céu Santiago e o empresário Leonardo Freitas. Ela, advogada portuguesa com experiência em direito da imigração, e ele, executivo brasileiro com experiência de 26 anos em relações governamentais, tornaram-se sócios em 2021 na Hayman-Woodward, multinacional que cuida dos trâmites legais para quem quer ter seus negócios fora de seus países de origem. Os dois fazem o intercâmbio entre profissionais dos dois países. "Essa facilidade de mão dupla entre Brasil e Portugal facilita bastante os negócios", diz Leonardo.

Com a crise da pandemia e da instabilidade política, entraram no Brasil, em 2020, somente 439 portugueses. Por outro lado, o número de brasileiros em Portugal só cresce, já que há necessidade de mão de obra. "Hoje vemos que o País está com déficit de mão de obra especializada. Portugal precisa de boa imigração e de investimento, e o Brasil precisa de uma porta de entrada para um mercado europeu", resume Maria do Céu. ■

FOTO: GABRIEL REIS

ESPETÁCULO
Reabertura do museu será o ato mais importante da comemoração da Independência

A FESTA DA LIBERDADE

O **Museu do Ipiranga** é um marco civilizacional do Ocidente no século 21 e **sua reinauguração convida a uma reflexão sobre o Brasil.** É hora de ouvir o Hino da Independência

Vicente Vilardaga

Já podeis, da Pátria filhos/Ver contente a mãe gentil/Já raiou a liberdade/No horizonte do Brasil/Já raiou a liberdade/Já raiou a liberdade/No horizonte do Brasil" – é o começo do Hino da Independência e um convite para se comemorar a declaração de liberdade que representou o grito de Dom Pedro I, em 1822. Ele será entoado com orgulho nestes dias de reinauguração do Museu do Ipiranga e de festejos cívicos do bicentenário. Na versão definitiva, a letra, composta por Evaristo da Veiga, recebeu a melodia do próprio Dom Pedro I, que era excelente músico, tocava clarinete, fagote e violoncelo, e deixou várias outras obras para a posteridade. O hino, porém, é a mais transbordante de emoção.

A partir da Proclamação da República, a música ficou esquecida por conta do esforço de se apagar os símbolos do passado monárquico. Foi recuperado em 1922, nas festas do centenário. E durante o Estado Novo prevaleceu a melodia do hino proposta pelo imperador, resgatada por Heitor Villa-Lobos e cantada exaustivamente pelas crianças no pátio das escolas nas décadas seguintes, mais exageradamente nos tempos da ditadura militar. Agora ele retorna retumbante com sua mensagem emancipatória.

O que vai se festejar dentro uma semana é o momento feliz e épico em que o Brasil cortou sua relação de dependência com Portugal e se tornou uma Nação realmente livre e soberana. A Independência foi o ato primordial de declaração de autossuficiência e de capacidade do País para administrar seu destino e desenvolver sua própria cultura. Na festa de inauguração do Museu do Ipiranga, que se inicia no dia 6 de setembro, o hino será tocado e ecoará por toda a Nação. O evento, que reunirá cerca de 1,5 mil convidados, entre patrocinadores e autoridades, é um marco civilizacional do século 21. No dia 7, o museu estará aberto para os trabalhadores das obras de restauração e ampliação e seus familiares e, no dia 8, passa a ser liberado normalmente para o público. A inauguração do novo complexo museológico leva a um importante momento de reflexão sobre a nacionalidade e sobre o projeto do Brasil para as décadas vindouras. Ainda há muito a ser feito. Mas em 200 anos, o País deu um salto de gigante e se impôs como uma das dez maiores economias do mundo, e como um lugar próspero e com uma forte identidade cultural. O que Dom Pedro I conseguiu, no final das contas, foi tornar a Pátria livre. "Longe vá, temor servil/Ou ficar a Pátria livre/Ou morrer pelo Brasil." ■

FOTO: REPRODUÇÃO DE VÍDEO

SAIA-JUSTA
Gleisi e a tesoureira do PT batem boca sobre a partilha do dinheiro para a campanha

A briga pelo dinheiro

Preocupado com a resistência de Bolsonaro em pedir doações, Valdemar Costa Neto calcula um "déficit" de R$ 400 milhões para viabilizar candidaturas do partido. No PT, divisão do fundão eleitoral provocou brigas entre dirigentes

Ana Viriato

Gleisi Hoffmann e Valdemar Costa Neto, presidentes do PT e do PL, respectivamente, vivem uma sinuca de bico. Impulsionados pela polarização a investir pesado nas campanhas de seus presidenciáveis, os dois comprometeram-se a repassar a Lula e a Jair Bolsonaro, o teto do que eles podem gastar: R$ 88,9 milhões. A decisão, por óbvio, encurtou o cobertor financeiro dos partidos. Com recursos contados, o fundo eleitoral das siglas, que, diga-se, é altíssimo, virou alvo de uma acirrada disputa entre candidatos à Câmara, ao Senado e aos governos estaduais, com bate-bocas em reuniões, críticas entre corredores e em grupos de WhatsApp e reclamações até mesmo sobre a postura dos candidatos ao Planalto.

O retrato financeiro preocupa os dirigentes — e não apenas porque uma base forte no Congresso é essencial para o sucesso de qualquer governo. Para além disso, os fundos partidário e eleitoral dos anos subsequentes são calculados com base na bancada eleita. Ou seja, um menor número de candidatos a deputado escolhidos nas urnas significa menos dinheiro em caixa na eleição seguinte. De olho no futuro, Gleisi e Valdemar têm incentivado Lula e Bolsonaro a pedir doações, para que os "extras" permitam aos partidos reorganizar o fluxo interno e alocar recursos em outras campanhas.

Valdemar é o que mais tem perdido o sono no meio político, embora o partido tenha R$ 288 milhões em caixa. Ao levar Bolsonaro e sua claque para o PL, sonhava em eleger a maior bancada da Câmara a partir de gordas doações de empresários simpáticos ao Planalto e da transferência de votos do presidente a candidatos. O dirigente, porém, foi do céu ao inferno em pouco tempo. No QG da campanha, lida com a resistência do capitão em pedir doações. O pouco caso de Bolsonaro já colocou aliados em saias-justas — há dois meses, Tereza Cristina organizou um almoço com empresários em Brasília e o presidente, que cumpria agenda em São Paulo, chegou ao encontro com 4 horas de atraso. De lá para cá, não mudou de postura. O maior esforço feito até agora para arrecadar dinheiro foi a gravação de um vídeo, no qual pede apoio financeiro para fazer o PL crescer.

O dirigente do partido já confidenciou a aliados que precisaria de mais R$ 400 milhões para bancar todas as candidaturas por ele afiançadas. “A situação é periclitante. Valdemar está desesperado porque, em Brasília, tem a fama de cumprir acordos. E, dessa vez, ele fez vários que, pelas atuais perspectivas, não vai cumprir”, comenta um nome próximo ao presidente do PL. Por ora, somente nomes da “lista VIP” de Bolsonaro foram agraciados com nacos de dinheiro. Antes críticos ao fundão, Eduardo Bolsonaro e Carla Zambelli, por exemplo, receberam R$ 500 mil e R$ 1 milhão. “A impressão que temos é a de que, com dinheiro garantido para a eleição presidencial, Bolsonaro e Flávio, que coordena a campanha, não estão preocupados com os outros”, diz um deputado da sigla. E não há uma tendência de melhora no horizonte. Para os liberais, a decisão de Alexandre de Moraes, do STF, contra empresários bolsonaristas inviabiliza a doação por parte deles e inibe contribuições de outros executivos, que preferirão se distanciar da cena política.

DÉFICIT Com o caixa baixo, Valdemar estimula Bolsonaro a pedir doações a empresários

No PT, a condição é menos crítica, porque tanto Lula quanto Geraldo Alckmin não se envergonham ao pedir recursos. Além disso, o partido tem um fundo eleitoral mais robusto, de R$ 499,6 milhões. Ainda assim, o ambiente está longe da pacificação. Nesse mês, Gleisi Hoffmann e a secretária de finanças da sigla, Gleide Andrade, bateram boca ao divergirem sobre critérios de divisão de recursos para aspirantes à Câmara.

Àquela altura, Gleide propunha que os 56 deputados petistas candidatos à reeleição e mais quatro integrantes da Executiva, ela incluída, ganhassem R$ 2 milhões para o custeio da campanha. Já a presidente do PT queria ampliar a lista VIP e concluí-la com quase 70 nomes pretensamente para garantir maiores chances de governabilidade numa eventual eleição de Lula. Depois da acalorada discussão, ao longo de outras reuniões, Gleisi recuou. A conta, no entanto, acabou reformulada. Pelo novo quadro de contribuição, quem tentar mais um mandato à Câmara vai contar com R$ 1,6 milhão, dizem petistas. Nada como uma campanha eleitoral para estampar as diferenças intrapartidárias. ■

FOTOS: BRUNO SANTOS/FOLHAPRESS; TON MOLINA/FOTOARENA

SINAL VERDE PARA A CORRUPÇÃO

Em quatro anos, com a anuência do Planalto, Congresso desmonta arcabouço de leis idealizadas para punir corruptos e ímprobos em nome da sobrevivência política de velhas raposas. O caminho para a impunidade está cada vez mais livre

Ana Viriato

Embora a onda anti-establishment tenha resultado na mais ampla renovação do Congresso em duas décadas, remanesce o hábito do parlamento de sobrepor os próprios interesses aos da sociedade. Sob a batuta de velhas raposas, o Centrão, o PT e a "nova política" protagonizaram uma sólida união em plenário quando a pauta esteve centrada no esfacelamento de medidas anticorrupção. Para se perpetuar no poder, congressistas articularam legislações sob medida para sufocar órgãos de investigação, livrar eles mesmos da Lei da Ficha Limpa e ampliar o fértil terreno para a impunidade.

O principal golpe contra o combate à corrupção aconteceu com a aprovação da nova Lei de Improbidade Administrativa, que facilitou a vida dos poderosos. É que o texto excluiu a possibilidade de condenação de políticos e servidores pelos chamados atos culposos — crimes praticados sem intenção —, mesmo que os erros tenham resultado em prejuízo aos cofres públicos, e, de quebra, reduziu prazos prescricionais, resultando na extinção de processos que não forem julgados até quatro anos depois de apresentada a ação. Idealizada entre bochichos no Congresso, a lei teria, entre os beneficiados diretamente, ninguém menos que o presidente da Câmara, Arthur Lira.

IMPUNIDADE Margarete preside grupo que vai reformar novo Código de Processo Penal: prisão em 2ª instância não passa

O STF conteve danos na semana passada ao barrar um salvo-conduto e impedir que nomes condenados em

FOTOS: GABRIELA BILÓ/FOLHAPRESS; PEDRO LADEIRA/FOLHAPRESS

EM CAUSA PRÓPRIA
Lira comemora nova Lei da Improbidade Administrativa feita para beneficiá-lo

COMO AS PROPOSTAS EM TRÂMITE NO CONGRESSO PODEM PREJUDICAR O COMBATE À CORRUPÇÃO:

NOVO CÓDIGO ELEITORAL

> Dificulta a cassação do mandato de parlamentares por irregularidades na campanha.

> No caso de compra de votos, por exemplo, terá de ser comprovado que o candidato valeu-se de violência para coagir o eleitor

> Esvazia regras de fiscalização e punição a candidatos e partidos que façam mau uso das verbas públicas.

NOVO CÓDIGO DE PROCESSO PENAL

> Cria o instituto da investigação defensiva — que autoriza o advogado a realizar uma apuração paralela e produzir provas —, o que tumultua o processo

> Limita as prisões preventivas e incentiva o uso de medidas cautelares, o que pode resultar em obstrução de Justiça

> Estabelece prazo de cinco anos para a implementação do juiz de garantias.

definitivo por atos culposos sejam absolvidos com base nas novas regras, além de estabelecer que o novo regime prescricional não vale para processos antigos. O Ministério Público, assim, pediu a impugnação de candidaturas de personalidades como o ex-prefeito Cesar Maia e o ex-governador José Roberto Arruda. A situação de Lira, em outra ponta, é nebulosa, já que a sentença que o penalizou por supostos desvios na Assembleia Legislativa de Alagoas está suspensa desde 2018 e o caso aguarda julgamento do Superior Tribunal de Justiça.

Com contornos de uma ação orquestrada, a ofensiva dos manda-chuvas de Brasília contra a agenda anticorrupção começou bem antes da reformulação da Lei de Improbidade. Logo no primeiro ano da legislatura, deputados e senadores emplacaram a Lei de Abuso de Autoridade, que tende a ser facilmente sacada por políticos insatisfeitos com o avanço de apurações. Sem ruborizar a face, ainda desfiguraram o pacote anticrime, proposto pelo Ministério da Justiça, impondo limites aos acordos de delação premiada e a prisões preventivas e criando o "juiz de garantias", uma figura que, se simpática ao investigado, pode comprometer os rumos do processo.

NOVOS DESMONTES

Presidente do Instituto Não Aceito Corrupção, Roberto Livianu lamenta os retrocessos e relata preocupação com o futuro. O procurador cita que parlamentares já aventaram a revisão da Lei das Estatais, que está em stand-by e pode retirar a blindagem de empresas públicas da ala política, e sublinha que o deputado Domingos Sávio, correligionário de Bolsonaro, colhe assinaturas para uma proposta que dá aos parlamentares o poder de revogar decisões do STF. "Não são ações isoladas", crava. "O acompanhamento da sociedade é absolutamente essencial. Muitas vezes, essas iniciativas são anunciadas para testar o grau de vigilância da população. Se o Congresso percebe que ela está desatenta, passa a boiada", emenda.

O receio não é desarrazoado. O parlamento se prepara para aprovar, logo após as eleições, o novo Código de Processo Penal, norma costurada em um grupo de trabalho comandado por Margarete Coelho, aliada de primeira hora de Lira, que estabelece a investigação do Ministério Público como apenas subsidiária e endurece as regras para mandados de busca e apreensão — o trecho do texto que prevê a prisão em segunda instância tende a ser suprimido. A reformulação do Código Eleitoral, que restringe o poder de fiscalização do TSE sobre contas partidárias, aguarda análise no Senado. Em discursos na campanha, Lula antecipou que, se vencer a disputa presidencial, reformará a Lei da Ficha Limpa, a qual, nos 12 anos de existência, tirou das eleições mais de 4,6 mil políticos enrolados com a Justiça. O bombardeio à pauta anticorrupção garante algo quase impossível em outros momentos: a união de todas as cores e ideologias. O sistema cuida mesmo muito bem de seus pares. ■

PRÊMIO THE BEST BRASIL 2022

MARCIO CARVALHO DE SÁ: Advogado na categoria estratégias digitais.

Texto: Carolina Cerqueira

Com mais de 5.000 mentorados em seu treinamento de Holding Familiar, o Professor Marcio Carvalho de Sá é destaque de 2022 na categoria Estratégias Digitais por ter desenvolvido e ensinado seus mentorados um sistema de captação de clientes e atuação completamente digital, denominado AURUM.

Em 2021, ele conduziu mais de 300 de seus mentorados ao Nível Ouro (quando este tem rendimentos acima de R$ 35.000 mensais trabalhando com Holding Familiar e empregando o método AURUM). Em 2022, ele já dobrou esse número e diz que sua meta é chegar aos mil.

Em 2022, ele já ensinou mais de 150.000 advogados em seus cursos, sendo 5.000 em seu treinamento avançado e 450 em sua mentoria de alto desempenho, que leva o nome do método criado por ele, AURUM.

Os 300 primeiros alunos foram responsáveis por ajudar mais de 8.000 famílias a protegerem e organizarem mais de R$ 60 Bilhões em patrimônios, o que rendeu a estes profissionais mais de R$ 126 Milhões em honorários.

Esses não são apenas números grandiosos, são também reflexos de uma atuação que movimentou fortemente a economia, gerando muitos postos de trabalho diretos e salvando as carreiras de milhares de profissionais do direito em um momento que a economia mundial agonizava por causa da pandemia do Covid-19. Atuação esta que lhe rendeu a justa homenagem do The Best Brasil 2022 como uma das 100 personalidades de reconhecida relevância para o país.

RAMON CAMPOS

Personalidade de sucesso no mercado digital

Texto: Carolina Cerqueira

Ramon Campos, publicitário e digital creator formado em Comunicação Social - Publicidade e Propaganda, é um profissional de Fortaleza de grande destaque no Brasil. Desde 2013, ele atua no mercado digital com vendas online, elabora excelentes estratégias de lançamentos digitais e é especialista em criação de conteúdo. Tendo iniciado a carreira em uma agência digital, trabalhou como designer e diretor de arte, devido a sua alta competência e profissionalismo, cresceu na empresa e passou a ser o Gestor de Criação, sendo o responsável pela parte criativa de infoprodutos de nomes prestigiados, como Paulo Vieira, Augusto Cury, Bruno Gimenes e Kiko Loureiro.

Em meio aos desafios e problemas do mercado digital, em 2018 a empresa em que o publicitário trabalhava acabou não dando continuidade a sua existência e fechou. Desse modo, Ramon abandonou a falsa segurança do CLT e passou a ter coragem de empreender, investindo assim na própria produção de conteúdo. No ano seguinte, devido a sua ampla experiência, iniciou uma jornada como palestrante e professor de mídias digitais. Tornando-se um nome de referência na ministração de cursos online, passou a realizar treinamentos presenciais e consultorias. Com isso, Ramon começou a viajar pelo país ajudando profissionais do meio digital na produção de conteúdos mais criativos, garantindo a esse público, um notável destaque no mercado de trabalho.

Durante os meses iniciais e consequentemente mais incertos da pandemia, o empreendedor se reinventou e lançou o seu primeiro treinamento online, o Rota da Criação de Conteúdo e a Comunidade Reels Maker, faturando com esses produtos, ainda nesse período, mais de um milhão de reais. Voltando a viajar pelo Brasil no ano de 2022, o palestrante tem passado pelas principais capitais do país ensinando sobre criatividade e "reels". Recentemente, Ramon lançou a Operação Social Media, um evento com 12 turmas de 200 participantes pelas principais capitais do Brasil. No final desse ano, ele realizará um importante evento em São Paulo para 800 pessoas, chamado Missão Creator, evento que contará com um time de 14 palestrantes que abordarão estratégias para que os criadores de conteúdo aprendam formas de monetização para aplicar em seus negócios. Sempre objetivando movimentar a comunidade de digitais "creators" e orientar na transformação dos seus conteúdos em dinheiro, formando também profissionais que trabalharão com uma atuação super rentável e valorizada no mercado.

Ramon Campos, um dos principais nomes quando o assunto é criação de conteúdo, já participou de eventos na área de comunicação, como o Growth Day 2022, Formação em Social Media (O Novo Mercado), Zero to Hero Experience, Social Media Week, DED Nordeste, Expert Experience entre outros. Atualmente, o Influenciador Digital trabalha como Content Creator, gerando diariamente conteúdos com foco no desenvolvimento das habilidades do profissional de criação de conteúdo (principalmente em seu instagram @ramoncampos), possuindo um incrível alcance de mais de 220 mil seguidores e 40 milhões de visualizações em seus Reels. Ele tem um grandiosíssimo destaque atuando com marketing em mais de 13 estados do país, Ramon Campos acumula nesta bela trajetória mais de oito mil profissionais criativamente treinados. "Criar conteúdo é a forma mais efetiva de mostrar ao mundo quem você é", concluiu Ramon Campos.

CONECTIVIDADE
Adolescentes encontram oportunidades e riscos na internet; adultos responsáveis estão atentos ao cenário atual

Emoções **reveladas**

Estudo mostra que **88% das crianças e adolescentes** já têm perfis nas redes sociais. Na internet, uma significante parcela **busca apoio emocional e acende alerta** para pais e educadores sobre **riscos no mundo virtual**

Elba Kriss

O primeiro contato com as redes sociais é marcante para a geração online. "Entrei no Facebook aos sete anos por causa dos jogos. Ganhei meu smartphone aos nove e entrei no Instagram", relembra Gabriel Godoy, 17. Sua inserção precoce na rede é a realidade revelada pela pesquisa TIC Kids Online Brasil, do Comitê Gestor da Internet no Brasil. O estudo busca compreender de que forma a população de 9 a 17 anos utiliza a internet e como lida com os riscos e as oportunidades decorrentes desse uso. Evidenciou-se que 88% têm perfis em redes sociais, 84% utiliza a internet para ver filmes e séries e 78% usam intensivamente plataformas como Instagram e TikTok. Apesar do aspecto positivo, essa prática também pode afetar a saúde mental. Na pesquisa, 32% dos entrevistados disseram ter procurado ajuda e apoio psicológico na rede para lidar com algo ruim que viveram ou falar sobre suas emoções quando se sentiam tristes. Pode ser um canal de amparo ou uma conversa com um colega.

FOTOS: GABRIEL REIS; CRISTIANE OLIVEIRA/DIVULGAÇÃO; ISTOCK PHOTO

Quando estou mal, mando mensagem para um amigo. Mas sou adepto do Twitter e, às vezes, aparece alguém falando algo que não se sabe se é um chamado de socorro ou um desabafo", conta Gabriel Vallim, 16. "Muitos têm dificuldade de dialogar com os pais. Se você não tem apoio em casa, busca com quem quer te ouvir", completa Lara Celista, 17. "Tem uma fase na adolescência, acho que entre 13 e 14, que tem esse afastamento dos pais. É quando mais se recorre às redes", comenta Bruna Linguitte, 17. Os quatro personificam a atual pesquisa. Luisa Adib, coordenadora da apuração pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação, analisa que os dados trazem uma perspectiva positiva de que a internet pode ser um "canal de busca de ajuda".

"Mas exige cuidados, pois não necessariamente é o mais adequado. A criança precisa ser vista e ter outros espaços de compartilhamento com responsáveis para que ela seja orientada da melhor forma", observa. Cláudia Tricate, diretora pedagógica do Colégio Magno/Mágico de Oz, em São Paulo, faz um apontamento antes que responsáveis se alarmem. "Adolescentes já faziam isso: desabafavam e buscavam seus iguais. Só que a gente não lia ou via uma foto. Agora está documentado", diz. "Sou reticente em falar que isso prejudicou ou ajudou. Aconteceu e é o que temos", acrescenta. O debate sobre a vulnerabilidade é inevitável. Ainda mais nos casos dos menores, por isso, é preciso que a família seja ativa na mediação. Stella Lambert Zakka, 10, queria tanto um celular que comprou o primeiro aos oito anos com meses de mesada. No aparelho, ela acessa o YouTube, o TikTok e o WhatsApp. Tudo sob o olhar dos pais, que instalaram um serviço de controle parental. O veterinário Francisco Zakka, 43, detalha as regras para a filha. "O dispositivo monitora todas as atividades, como o tempo que ela passa nos aplicativos, e controla o período ao celular. Hora de dormir é hora de dormir", narra.

O zelo é aprovado por especialistas. "É preciso agir com cautela, conversar e educá-las sobre a importância dos limites", aconselha Natalia Avanci, médica pediatra formada pela Universidade São Francisco, em Bragança Paulista (SP). "A infância é um período crucial para o desenvolvimento motor e cognitivo da criança. O uso excessivo de telas aumenta o risco de apresentarem habilidade motora pobre", diz. Erica Mantovani, psicopedagoga e coordenadora do Colégio Mater Dei, em São Paulo, defende o diálogo familiar: "Demonizar a tecnologia é a pior estratégia possível, pois o proibido chama mais atenção. Sempre, em todos os tempos, foi assim e assim será. A tecnologia tem aspectos positivos e é uma realidade sem volta". A pesquisa do Cetic traz um outro ponto pertinente: o papel das plataformas em suas políticas de conteúdo, segurança e privacidade. Instagram e TikTok estão atentos — ambos exigem idade mínima de 13 anos. "O TikTok oferece recursos para garantir a segurança dos mais jovens, como Sincronização Familiar, que permite aos pais vincularem suas contas a de seus filhos", comunica. O Instagram informa que até o fim do ano terá a Central da Família, "um espaço onde os pais podem supervisionar as contas de seus adolescentes". As redes sociais estão se adequando ao mundo real. ■

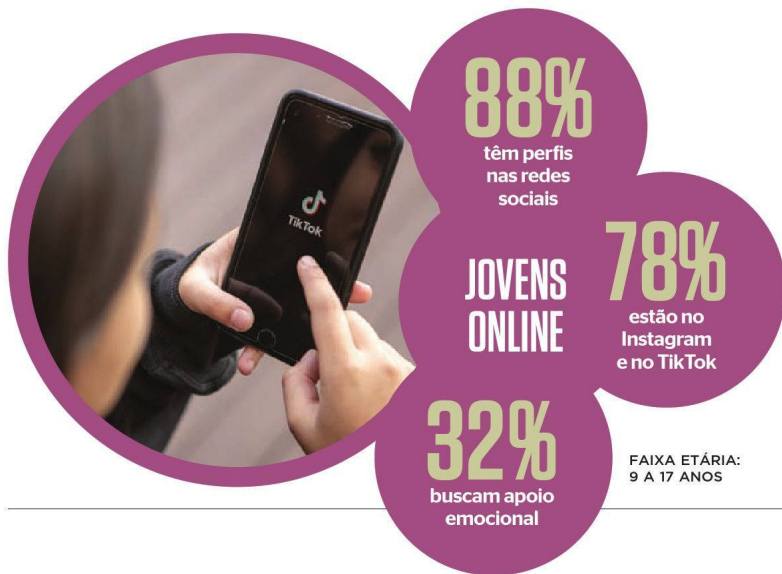
"Demonizar a tecnologia é a pior estratégia possível, pois o proibido chama mais atenção. Ela tem aspectos positivos e é uma realidade sem volta"
Erica Mantovani, psicopedagoga

JOVENS ONLINE

88% têm perfis nas redes sociais

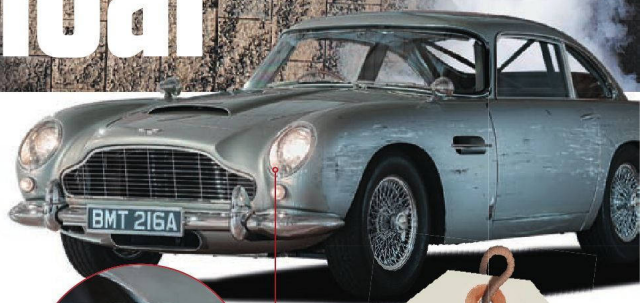
78% estão no Instagram e no TikTok

32% buscam apoio emocional

FAIXA ETÁRIA: 9 A 17 ANOS

007 Licença para leiloar

Relógios de luxo, fichas de cassino, maletas de espião... Que tal adquirir uma lembrança dos filmes de James Bond? Até o cobiçado Aston Martin do agente britânico 007 estará entre os itens que serão leiloados pela tradicional casa londrina Christie's

Denise Mirás

Ilhas paradisíacas, mulheres maravilhosas, inimigos cruéis, perseguições alucinantes em destinos exóticos. Tudo que é ligado ao universo de James Bond, o agente secreto britânico 007, fascina seus admiradores. Pois muitos dos itens que estiveram nesses filmes poderão ser adquiridos por seus fãs mais fervorosos – e dispostos a gastar altas somas.

FOTOS: JASIN BOLAND; MAX EAREY; UK-PHOTOFREELANCE15

Criado por Ian Fleming, que era membro da Marinha Real britânica antes de se tornar escritor, James Bond apareceu pela primeira vez no livro *Cassino Royale*, de 1953. A versão para o cinema nasceu em 5 de outubro de 1962, noite da estreia em Londres de *Dr. No* (no Brasil, *007 Contra o Satânico Dr. No*, aquele em que Ursula Andrews saía do mar de biquíni branco, para deslumbre de Sean Connery). Ao longo de seus 25 filmes, o charmoso agente britânico segue lotando salas de cinema em todo o mundo. Seu lançamento mais recente, o sucesso *Sem Tempo para Morrer*, chegou às telas em 2021.

OBJETOS DE DESEJO

A comemoração pelos 60 anos de James Bond motivou a a produtora EON e a Christie's, tradicional casa de leilões de Londres, a promover a venda de 60 lotes de objetos relacionados ao personagem, com renda revertida a 45 instituições beneficentes. Imagens e preços podem ser vistos no site christies.com/james-bond (em inglês). A lista inclui até o lendário Aston Martin, o carro prata que solta bombas de fumaça e tem metralhadoras que saem dos faróis. Os valores variam de £ 1,5 a 2 milhões (entre R$ 9 e 12 milhões). Lances pela internet poderão ser feitos entre 15 de setembro e 5 de outubro, data em que se celebra o "James Bond Day". Poderão ser arrematados objetos, roupas, fotos feitas durante filmagens, cartazes para cinemas, etiquetas, scripts, partituras e fichas de cassino, em 35 lotes com todo tipo de memorabília.

Em 28 de setembro haverá um leilão presencial em Londres, apenas para convidados, com 25 lotes reservados. Nesse dia, serão apresentados itens do recente *Sem Tempo para Morrer* e lotes correspondentes a cada ator que encarnou James Bond: Sir Sean Connery, George Lazenby, Sir Roger Moore, Timothy Dalton, Pierce Brosnan e Daniel Craig. Nesse caso, os atores ou seus familiares decidirão quais instituições serão contempladas.

Entre as peças está o cardápio que Sean Connery segura à mesa em uma famosa cena de *007 Contra a Chantagem Atômica*, de 1965. Ele janta ao ar livre no Café Martinique, nas Bahamas, com Claudine Auger, e pede champanhe e caviar. Também será leiloado o vestido de alcinhas com cristais Swarovski de Barbara Bach, a major da KGB soviética Anya Amasova, no Mujaba Club, do Cairo. Ali, Bond (interpretado por Roger Moore) pede o tradicional Martini "shaken, not stirred" (agitado, não mexido), em *O Espião que me Amava*, de 1977. Nos três leilões anteriores que a Christie's, promoveu em homenagem a James Bond, foi arrecadado o total de £ 4.812.525, ou perto de R$ 30 milhões. ■

RELÓGIO De titânio, modelo especial 007 (*Sem Tempo para Morrer*, 2021) **LANCES R$ 90 a 120 mil**

DIA DOS MORTOS Vestido usado na festa de Dia dos Mortos, no México (*007 contra Spectre*, 2015) **LANCES R$ 12 a 18 mil**

SEGREDOS Duas maletas, com detalhes em ouro e aço (*A Serviço de Sua Majestade*, 1969) **LANCES R$ 240 a 360 mil**

FOTOS: NICOLA DOVE; JON STOKES; DIVULGAÇÃO

A NASA lança o Programa Artemis, uma série de missões para testar tecnologias e levar com segurança homens e mulheres novamente ao satélite natural da Terra

Mirela Luiz

A NOVA CORRIDA

De Apollo a Artemis, 53 anos separam as duas expedições do homem à Lua. Enquanto as missões conduzidas entre 1969 e 1972 levavam o nome do deus grego do Sol e das artes, o programa Artemis foi batizado em referência à sua irmã gêmea, deusa da caça e da natureza. A mudança é apropriada. Nessa nova corrida espacial, as mulheres terão uma presença muito maior e já se planeja enviar a primeira delas ao nosso satélite natural. A mais cotada é a experiente astronauta Christina Kock. Além disso, o objetivo agora é muito mais que chegar ao destino, mas ocupá-lo, torná-lo uma base operacional e habitável. Nos próximos anos, a missão se desenvolverá no sentido de firmar a presença humana na superfície lunar. O primeiro vôo não tripulado, que também é a primeira incursão da NASA na Lua no século 21, vai acontecer nessa segunda-feira, 29. O foguete de 98 metros está programado para decolar às 8h33 (9h33 de Brasília), do Centro Espacial Kennedy (KSC), na Flórida.

"Estamos vivendo uma reedição da corrida espacial, especialmente com uma disputa entre EUA e China, mas também envolvendo outros países, com investimento de empresas estatais e privadas", diz Daniel Rutkowski Soler, astrofísico e gerente de atividades de astronomia do Museu Aberto de Astronomia (MAAS). "E o programa Artemis está na vanguarda dessa disputa". Nessa nova corrida espacial há ambições renovadas e muito mais tecnologia disponível, o que permite uma aceleração de prognósticos. A segunda fase da Artemis, marcada para 2024, já prevê uma viagem tripulada e um sobrevôo lunar. E, em 2025, acontecerá a missão que permitirá que os primeiros astronautas pisem na Lua depois de cinco décadas, incluindo a primeira mulher e o primeiro negro.

As missões Artemis vão contar com um complexo veicular reutilizável chamado Space Launch System (SLS), composto pelo lançador e pela cápsula Orion. Juntos, eles pesam 2,6 mil toneladas. Seus quatro motores RS-25, com dois aceleradores de cada lado, vão gerar impulso 15% maior que o Saturno V, do programa Apollo. Dois minutos depois de seu lançamento, os aceleradores cairão no Atlântico. Após oito minutos, o núcleo principal do foguete se desprenderá e a cápsula Orion seguirá viagem. A bordo, de acordo com Melissa Jones – diretora de recuperação da Artemis I –, serão enviados alguns manequins e alguns torsos, que simulam tecidos e órgãos humanos. O objetivo é ajudar a verificar como a exposição à radiação e a aceleração do veículo podem afetar o corpo humano, em missões futuras.

EXPECTATIVA
Primeiro foguete da missão Artemis será lançado ao espaço e levará a Nasa à Lua outra vez depois de 53 anos

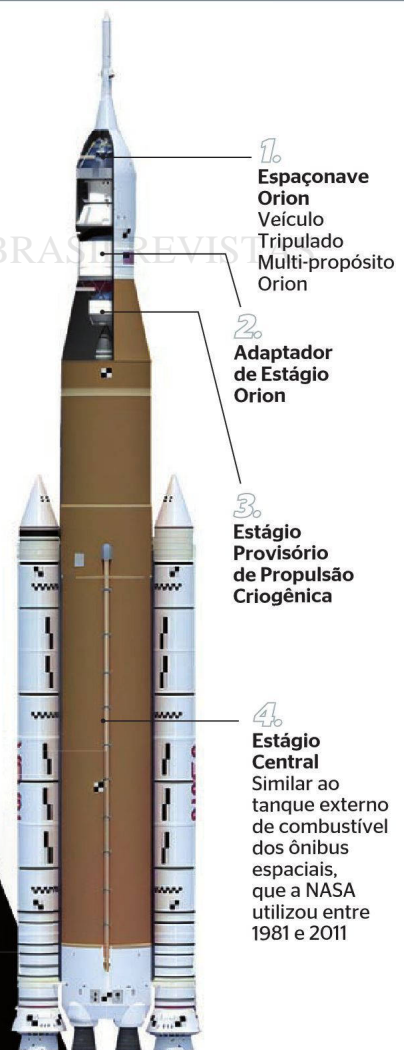
Após completar a órbita da Terra a cápsula Orion seguirá para a Lua e, depois de se aproximar, começará seu retorno. A missão tem duração prevista de 42 dias. Enquanto as missões Apollo deram acesso a regiões limitadas da Lua, as missões Artemis deverão ser muito mais abrangentes. Segundo Soler, a construção de uma base na Lua passa a ser estratégica. "É muito mais barato e fácil lançar foguetes a partir da Lua, do que a partir da Terra, pois, a força da gravidade a ser vencida é seis vezes menor e não há o atrito com a atmosfera, já que a Lua não possui", explica. De fato, a ideia é que a órbita da Lua receba uma espécie de 'estação espacial' menor, chamada Lunar Gateway (Portão Lunar), que servirá de 'trampolim' para o lançamento de missões rumo a Marte. Após o retorno da

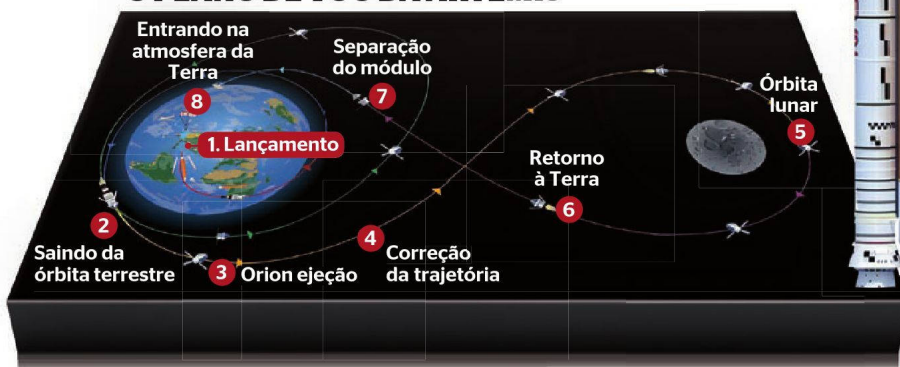
FOTOS: JOEL KOWSKY/NASA; BILL STAFFORD/NASA/JSC

DIVERSIDADE Christina Koch, astronauta americana, experiente, deverá ser a 1ª mulher a pisar em solo lunar

À LUA

missão, todos os dados serão analisados, a fim de garantir que seja possível o planejamento seguro e envio da Missão Artemis II, que será tripulada.

Muito além de um projeto de exploração científica, o programa Apollo era uma campanha para atestar a superioridade norte-americana em relação à antiga URSS. Já o programa Artemis não está limitado a uma disputa de ego entre essas grandes potências. O objetivo da missão é estabelecer uma presença humana sustentável, com espaçonaves construídas segundo padrões internacionalmente reconhecidos, para acomodar diferentes sistemas. Outro ponto bem diferente entre as duas missões é o custo: todas as edições da Apollo, juntas, somaram aproximadamente US$ 107 bilhões em investimentos. No Artemis, a NASA já investiu US$ 35 bilhões, antes mesmo de a missão teste não tripulada ser lançada. ■

O PLANO DE VÔO DA ARTEMIS

Trambolho de guerra

Porta-aviões São Paulo deixa o Brasil contaminado com 9,8 toneladas de amianto e com pendências jurídicas para ser transformado em sucata e desmontado na Turquia, onde causa revolta entre ambientalistas

Vicente Vilardaga

Vendido para um estaleiro turco, o porta-aviões São Paulo zarpou do Brasil há duas semanas e está dando seu último suspiro em alto-mar. Navega envolto em polêmicas, puxado por um único rebocador a caminho de seu destino, o porto de Aliaga, no Mar Egeu, para ser desmanchado e transformado em sucata. É o maior navio que a Marinha brasileira já teve e também era, até 2017, quando foi desativado, o mais antigo porta-aviões em operação no mundo. Neste momento, a embarcação está perto das Ilhas Canárias e deve cruzar o Estreito de Gibraltar nos próximos dias. O problema é que ela está contaminada com 9,8 toneladas de amianto, material altamente cancerígeno e nocivo ao meio ambiente. Grupos ambientalistas turcos têm se manifestado para evitar que o São Paulo chegue ao litoral do país. No Brasil, uma liminar da Justiça tentou impedir que ele deixasse a Ilha das Cobras, na Baía da Guanabara, onde estava ancorado, mas acabou desrespeitada. “A gente está tentando interromper a viagem, mas não sei se vamos ter sucesso”, diz Nicola Mulinaris, membro da NGO Shipbreaking Platform, coligação internacional de entidades ambientalistas, que monitora o porta-aviões. “Nesse processo todo houve e há vários descumprimentos da legislação internacional, o que torna a exportação do navio ilegal. O São Paulo deveria voltar imediatamente para o Brasil”.

Construído na França em 1960, o porta-aviões, cujo nome de batismo é FS Foch, começou a operar em 1963 e atendeu a Marinha do país até o ano 2000, atuando em frentes de batalha na África, no Oriente Médio e na Europa. Quando chegou ao Brasil já estava envelhecido e ultrapassado. Desde 2017, com o impulso do Instituto São Paulo-Foch, organização sem fins lucrativos comandada pelo militar aposentado Emerson Miura, se discutia a sua conversão em museu. Mas a ideia acabou descartada pela Marinha, que realizou um leilão para se desfazer do São Paulo. O porta-aviões foi arrematado por R$ 10,5 milhões, em março, pela Cormack Marítima, representante da empresa

FOTOS: MARINHA DO BRASIL INFOGRÁFICO: WAGNER RODRIGUES

SUCATA Quando foi comprado, no ano 2000, o São Paulo já estava envelhecido e ultrapassado

FORÇA NAVAL No período em que foi usado pela Marinha brasileira, o porta-aviões navegou apenas 206 dias

turca Sok Denizcilikve Tic, especializada em desmonte de grandes embarcações. Desde então se discute o risco ambiental do negócio e, por causa do amianto, Miura entrou com um processo para evitar que o navio fosse para a Turquia. “Fui informado que estava vindo para o Brasil um rebocador, tomei as medidas judiciais no dia 4 de julho e obtive uma liminar para impedir a viagem”, conta. “Como signatário da Convenção da Basileia, nosso País é proibido de exportar materiais tóxicos, assim como a Turquia não pode importar.” A liminar ordenava o retorno do porta-aviões, mas sorrateiramente ele seguiu viagem.

A compra do porta-aviões FS Foch no ano 2000 para substituir o antigo Minas Gerais, que liderou a frota brasileira entre 1960 e 2001, já foi um negócio temerário. A Marinha brasileira desembolsou US$ 10,2 milhões na época. Acidentes com quatro mortes a bordo e problemas técnicos restringiram sua utilização. No total, em 15 anos a serviço do Brasil, ele navegou apenas 206 dias. Entre 2005 e 2011, ficou estacionado para reparos e, em 2014, parou de operar definitivamente. Para voltar a navegar, seria necessária uma substituição completa no sistema de propulsão, com a instalação de geradores e motores elétricos. O custo da modernização alcançaria R$ 1 bilhão.

Discute-se muito a real necessidade militar da Marinha brasileira, cuja maior parte das atividades envolve o policiamento da costa, ter um porta-aviões. Com o São Paulo, o país era o único do Hemisfério Sul a ter um navio desse porte. Hoje, a principal embarcação da força marítima nacional é o Porta-Helicópteros Multipropósito (PHM) Atlântico, que pode operar qualquer aeronave de asas móveis, mas não de asas fixas. No Plano Estratégico da Marinha (PEM) para o ano de 2040 consta o objetivo de adquirir um “navio de controle de áreas marítimas (NCAM) capaz de operar com aeronaves de asa fixa, rotativa e/ou remotamente pilotadas”. É uma aquisição que ainda deve demorar. Enquanto isso, o velho porta-aviões segue para a Turquia no que deve ser sua última viagem. E, nessa altura, as chances de uma mudança de rumo acontecer são remotas. ■

O PORTA-AVIÕES SÃO PAULO

Navio foi adquirido pela Marinha brasileira no ano 2000

32,8 MIL TONELADAS
Peso

265 METROS
Comprimento

1,9 MIL
Tripulantes

62 ANOS
Idade

206
Total de dias no mar

566
Número de catapultagens de aeronaves

ROMARIA Milhares de pelegrinos visitam Juazeiro do Norte, cidade natal de Padre Cícero: devoção ao "santo do povo"

Padre Cícero, o Servo de Deus

O Vaticano autoriza a abertura do processo de beatificação de Cícero Romão Batista — o Brasil está a um passo de ganhar mais um santo

Gabriela Rölke

Cícero Romão Batista teve uma vida plena de controvérsias e polêmicas até a sua morte, em 1934. Além de padre, foi uma importante liderança política no sertão do Ceará, mais precisamente em Juazeiro do Norte — tornou-se prefeito da cidade depois de lutar por sua emancipação do município de Crato. Tinha influência, portanto, sobre a vida social, política e religiosa dos habitantes do sertão do Cariri. Chegou a ser chamado de "coronel de batina" pelos detratores, mas não é essa a passagem da sua história que mais chama a atenção: transcorridos 88 anos de seu falecimento, Padre Cícero segue como uma espécie de "santo popular", condição à qual foi alçado pela fé sertaneja do povo simples da região. Morreu proscrito pelo Vaticano, mas nos últimos anos a Igreja tenta entrar em sintonia com os milhões de fiéis católicos devotos do homem santificado. No sábado, 20 de agosto, a Santa Sé anunciou o início de seu processo de beatificação — ele passa a ser reconhecido como "Servo de Deus".

Ao "Padim Ciço" é atribuído um milagre: uma hóstia dada por ele durante uma missa, em 1889, teria se transformado em sangue na boca de uma beata - Maria de Araújo, mulher preta, pobre e analfabeta. Na época, a Diocese local entendeu que não se tratava de uma manifestação divina, mas, sim, de um "embuste". Ele foi punido pela Igreja e afastado da vida religiosa. Em 2015, no entanto, o Papa Francisco o perdoou: estava dado o primeiro passo do Vaticano na tentativa de reconciliação com a mítica figura depois de mais de cem anos. Pesou para essa aproximação não só a devoção popular, mas também a preocupação com o avanço das igrejas neopentecostais no Brasil.

PADIM CIÇO Mais de um século proscrito pela Igreja: a reabilitação veio com o Papa Francisco

Em artigo recente publicado no *Diário do Nordeste*, o jornalista e escritor cearense Lira Neto, biógrafo do religioso (*Padre Cícero: poder, fé e guerra no sertão*), disse acreditar que a visão eurocêntrica do Vaticano ao final dos anos 1890 não permitiu o reconhecimento de um suposto milagre que teria ocorrido em meio à gente simples do sertão do Ceará. Na mesma época, episódios semelhantes relatados na Europa foram validados pelo Vaticano. A revisão da posição da Igreja - com o início do processo de beatificação - reconhece enfim o papel central que o "santo do povo" ocupa na fé de milhões de católicos. ■

FOTO: LEVI BIANCO/BRAZIL PHOTO PRESS/FOLHAPRESS; REPRODUÇÃO

BIA HADDAD
TÊNIS
- Idade: 26 anos
- Peso: 78 kg
- Altura: 1,80 m
- 15ª do ranking mundial

GERAÇÃO DE OURO

Mesmo sem uma política nacional esportiva que aproveite o tremendo potencial do País, o Brasil revela talentos para o cenário internacional, como Alison, Gabizinha, Bia e Pedro

Denise Mirás

Alguns, por acaso, são foras-de-série que despertam a atenção de professores ou técnicos, seja em brincadeiras de rua, escolas ou mesmo clubes. Outros, resultado da soma de um bom orientador e trabalho multidisciplinar. Nos últimos meses, Alison dos Santos, do atletismo; Gabriela Guimarães, do vôlei; Beatriz Haddad Maia, do tênis, e Pedro Guilherme Abreu dos Santos, do futebol, brilharam em pistas, quadras

PEDRO
FUTEBOL
- Idade: 25 anos
- Peso: 78 kg
- Altura: 1,85 m
- Titular do Flamengo

FOTOS: VAUGHN RIDLEY/GETTY IMAGES/AFP; HEULER ANDREY/GETTY IMAGES/AFP; HANNAH PETERS/GETTY IMAGES FOR WORLD ATHLETICS; @MILADPAYAMI

GABI GUIMARÃES

VÔLEI

- Idade: 28 anos
- Peso: 65 kg
- Altura: 1,80 m
- Melhor jogadora da Europa

ALISON DOS SANTOS

ATLETISMO

- Idade: 22 anos
- Peso: 78 kg
- Altura: 2,00 m
- Bronze olímpico, ouro mundial

e campos, como uma amostra definitiva da versatilidade dos atletas brasileiros.

Piu, Malvadão, Senhor Gelado... Dos apelidos desde criança, Alison dos Santos passou a colecionar medalhas do atletismo. Algumas delas supercobiçadas, como o bronze olímpico dos 400m sobre barreiras, em Tóquio/2021, e o ouro do Mundial de Eugene, em julho último, com 46s29. Agora, quer o recorde mundial do norueguês Karsten Warholm, de 45s94. Para isso, desde o ano passado corre a distância em 12 passadas, em vez de 13, como decidiu o técnico Felipe de Siqueira, que assim aproveita o 1,12m só de pernas de seu atleta de 2m. É uma "economia" para gastar no sprint da chegada, o que vem dando certo: o bem-humorado Alison é o líder dos 400m sobre barreiras da Diamond League, o circuito mundial de atletismo que terá sua etapa final em Zurique, na Suíça, em 7 e 8 de setembro. Do bebê que teve queimaduras por um acidente com óleo fervendo, o atleta deixou complexos para trás, da mesma forma que adversários.

Gabi Guimarães vem ganhando tudo com seu time Vakifbank, da Turquia. É muito técnica, forjada na escola mineira, além de hábil. Cada vez mais precisa e consistente no passe e no ataque, encerrou a temporada passada do vôlei europeu como a MVP da Champions League (MVP de Most Valuable Player ("melhor jogadora", em português direto). Diz nem ter a percepção de ser "melhor do mundo" e sim de estar em uma grande evolução e "no bolo" das melhores. Para explicar o "tamanho" da baixinha, basta uma frase de José Roberto Guimarães (prata e três ouros olímpicos como técnico): "Não troco a Gabi por nenhuma outra jogadora do mundo".

Agora em agosto, Bia Haddad derrotou a polonesa Iga Swiatek, número 1 do mundo, e passou pela tcheca Karolina Pliskova, outra ex-número 1 do ranking da WTA (a associação feminina de tênis). Chegou a vice em Toronto, mas os pontos acumulados por essas grandes vitórias a levaram ao 15° lugar do ranking internacional, o melhor de uma brasileira, descontada, claro, a supercampeã Maria Esther Bueno, que reinou em quadras do mundo nos anos 1960. Bia admira sua antecessora pela carreira fantástica, mas também pelo caminho aberto em época de muitos preconceitos contra a mulher no esporte. E se nega a qualquer comparação com ela ou mesmo com Gustavo Kuerten, o Guga, "duas personalidades fora da curva". Seus resultados, diz, vêm de trabalho cada vez mais focado em detalhes, com o técnico Rafael Paciaroni e o fisioterapeuta Paulo Cerutti.

RUMO AO CATAR

Pedro seguiu na reserva do Flamengo ao recusar proposta do Palmeiras para dobrar salário e ser titular. Ficou à sombra de Gabigol. A lealdade compensou com a chegada do técnico Dorival Jr., que escancarou seu talento ao colocar os dois juntos, como titulares, no ataque. A confiança resultou em um brilho fulminante da parte de Pedro, que soma 20 gols desde a chegada do técnico, em junho. Por sua altura, o "matador" é excelente opção para a seleção brasileira, que possui atacantes mais baixos e rápidos, na Copa do Mundo do Catar, entre novembro e dezembro. O próprio Tite já disse, sobre Pedro: "Ele está se convocando". ■

Vejo flores em você

As estampas floridas evoluíram e agora dominam acessórios e até mesmo o vestuário masculino

Taísa Szabatura

DETALHES
Seja no salto da Dolce & Gabbana ou no relógio Olivia Burton, as flores dão o tom

OUSADIA
A francesa Louis Vuitton abusou das flores delicadas nas estampas masculinas

LAZER
O publicitário Jonatas Mendes tem várias camisas floridas: branco no trabalho

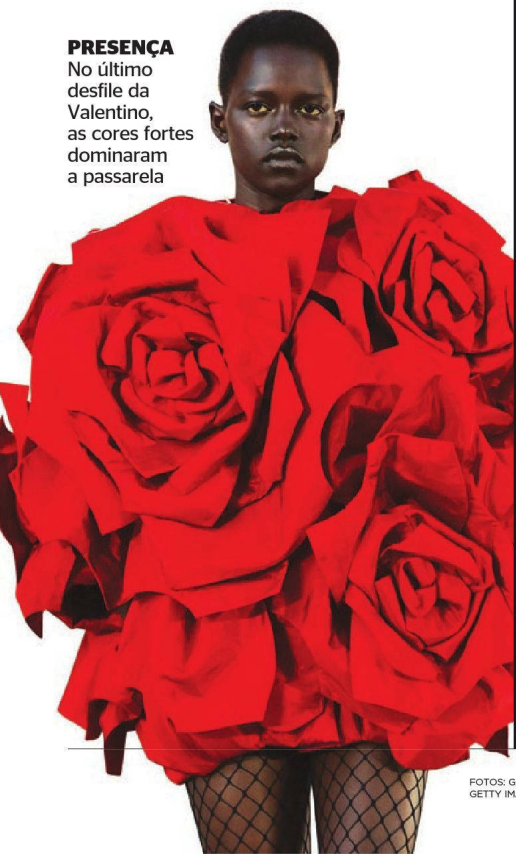
CASUAL
Flores são aposta da Converse para a Primavera

Seja nas populares lojas de departamento, no calçadão das praias do País ou até mesmo em desfiles de roupas de inverno das principais grifes do planeta, as flores estão em tudo: relógios, gravatas, cintos, bolsas e em diversas peças do guarda-roupa, principalmente o masculino. Geralmente associadas à primavera, as estampas florais marcaram presença nas semanas de moda europeias destinadas à temporada de outono e inverno. Enquanto marcas como Dolce & Gabbana e Versace sempre abusaram da temática, surpreende que a apresentação das roupas da francesa Louis Vuitton tenha tantos elementos florais em roupas não dedicadas às mulheres. Mas por que isso acontece? Além das cores fortes das rosas e das orquídeas, que são tendência após os anos sombrios da pandemia, as flores alegram e trazem leveza ao vestuário. Para Lorenzo Merlino, estilista e professor do curso de Moda do Centro Universitário FAAP, não surpreende que o estilo, relacionado geralmente ao feminino, esteja hoje presente nas roupas em geral. "Se no começo do século 20 as mulheres adotaram as calças, chegou a vez dos homens se apropriarem das flores", diz. A estampa floral, entretanto, não é novidade na história do vestuário humano. No antigo Egito, a flor de lótus azul era considerada sagrada e desenhada nas roupas de pessoas importantes da sociedade. Na Grécia e em Roma, flores recém-colhidas adornavam túnicas e vestidos, enfeitavam cabelos e também perfumavam a roupa em ocasiões especiais. Já o padrão floral passou a estampar os teci-

dos somente ao final da Idade Média, em grande parte atribuído à China do século XII, quando bordados mostrando cenas da natureza passaram a ser desejados e se espalharam pelo Oriente Médio e Europa através da Rota da Seda. Também ganharam as cortes.

Nos dias de hoje, as flores não significam nobreza e podem ser usadas por quem assim o desejar. O publicitário Jonatas Mendes, de 31 anos, gosta das camisas de manga curta e possui três modelos diferentes, incluindo uma em linho com uma padronagem mais delicada. “Acho bonito, uso sempre, principalmente quando é um evento durante o dia. Já para trabalhar uso camisa branca”, diz. Suas escolhas jamais foram motivos de chacota e ele acredita que os adolescentes já não se incomodam em portar “florzinha” na roupa. Entre as mulheres que dominam a estampa estão a cantora Madonna, a duquesa Kate Middleton e a atriz Marina Ruy Barbosa. Será que vale a pena cultivar essa ideia? ■

PRESENÇA
No último desfile da Valentino, as cores fortes dominaram a passarela

SÓBRIOS
Para prejuízo do governo, japoneses estão bebendo menos

Consumo

Japão incentiva o álcool

Governo lança concurso para estimular o consumo de saquê entre os jovens e aumentar a arrecadação de impostos

Taisa Szabatura

Um dos efeitos colaterais mais inesperados da pandemia de Covid-19, pelo menos no Japão, foi a crescente sobriedade entre o público jovem. Isso até poderia ser uma coisa boa, não fosse a dificuldade financeira que a indústria do álcool – e principalmente a do saquê – está passando com a queda do consumo por parte dessa parcela da população. Diante da brusca mudança de comportamento, a Agência Nacional de Impostos do Japão lançou um concurso convidando pessoas com idades entre 20 e 39 anos a mandar ideias para incentivar a bebedeira desde que de forma moderada.

A campanha “Saquê Viva!”, que vai até o dia nove de setembro, pede “novos produtos e designs”, bem como formas de promover o consumo doméstico. Os participantes também são incentivados a explorar métodos de vendas usando o metaverso, de acordo com o site da campanha. Segundo dados da própria agência japonesa, a ingestão de álcool no país caiu de uma média de 100 litros por pessoa por ano em 1995 para 75 litros em 2020. O declínio prejudicou receitas fiscais lucrativas: as taxas sobre o álcool representaram 1,7% da receita tributária do Japão (cerca de US$ 8 bilhões) em 2020, abaixo dos 3% em 2011 e 5% em 1980. Foi a maior queda na receita do imposto sobre o álcool em 31 anos, de acordo com o Japan Times.

O ministério da Saúde do Japão disse em nota esperar que a campanha também lembre as pessoas de beber somente a “quantidade apropriada de álcool”. Segundo dados do mesmo ministério, cerca de um milhão de japoneses sofrem de alcoolismo, enquanto cerca de 9,8 milhões são potencialmente viciados. Nas redes sociais, o público se divide entre aderir ou não ao “Saquê Viva!”, já que os números do coronavírus ainda são altos e o aumento do custo de vida e a inflação, que atingem o Ocidente, também chegaram ao país asiático. Uma usuária do Twitter escreveu: “Será que temos motivos para beber e comemorar?”. Os finalistas da competição serão convidados para uma cerimônia de gala em Tóquio e a administração fiscal disse que apoiaria a comercialização das ideias dos vencedores. ■

FOTOS: GABRIEL REIS; FARFETCH; DIVULGAÇÃO; FRANCOIS DURAND/GETTY IMAGES; VITTORIO ZUNINO CELOTTO/GETTY IMAGES/AFP; JOHNNY GREIG/GETTY IMAGES

DESEQUILÍBRIO Nos pântanos do Iraque a água evaporou e as plantas não servem nem para alimentar o gado: território desértico

A seca no Jardim do Éden

Uma severa estiagem de três anos destrói o verdejante local bíblico onde os criacionistas acreditam que surgiu a humanidade *Fernando Lavieri*

Não é novidade que um dos grandes problemas da humanidade a ser solucionado com urgência no século XXI é a crise climática. Trata-se de algo que não poupa região, população ou credo. Significa um drama para muitas nações, sobretudo, as mais pobres. E é exatamente o que vem acontecendo com o Iraque. A região mais atingida do país é bíblica, o Jardim do Éden, o local onde os criacionistas acreditam que tenha surgido a humanidade, a partir de Adão e Eva. Fica na parte Sul, próxima à fronteira com o Irã. É um local banhado pelos rios Tigre e Eufrates, em pleno crescente fértil, que jamais deveria secar.

Mas é isso que vem acontecendo. São três anos consecutivos de seca severa que já prejudica a subsistência de mais seis mil famílias. Por ser uma nação produtora de petróleo, por analogia, o Iraque poderia ser considerado um agressor ambiental e responsável pelos seus próprios males. "Não necessariamente. O que mais importa são as emissões de gases do efeito estufa, não a exploração do petróleo", afirma Marcelo Seluchi, meteorologista e especialista em clima. Ele acredita que o desequilíbrio no Jardim do Éden é produto de uma conjuntura ambiental. Mas as adversidades hídricas no país semiárido foram agravadas por diversas complicações políticas.

FOME Para o meteorologista Marcelo Seluchi, o problema climático é global

Os pântanos de Hawizeh e Chibayish grandes áreas repletas de vegetação já foram destinos turísticos no passado, além de garantir o sustento à população. Chegaram a ser declarados como patrimônio mundial da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), em 2016, devido a sua biodiversidade e história. Acontece, no entanto, que a água secou e as poucas plantas que sobreviveram não são razoáveis nem para alimentar o gado.

"Antes, quando vínhamos para os pântanos, havia vegetação, água e paz interior", disse um morador local à imprensa britânica. Uma organização não-governamental holandesa chamada PAX, que se dedica a ajudar civis em muitos países, acaba de divulgar que, há dois anos, 46% dos pântanos iraquianos sofreram perda total de água. E outros 41% tiveram redução de níveis de água e umidade As circunstâncias no Iraque estão complicadas a ponto de outras pastas da ONU focarem seus olhares ao tema. A FAO pontua que os pântanos fazem parte do conjunto de locais que mais sofrem com as mudanças climáticas em todo o mundo. "Os níveis de água diminuíram sem precedentes", comunicou o órgão. Segundo a Unesco, os pântanos garantem a subsistência de inúmeras pessoas e vida a muitas espécies de aves aquáticas migratórias. Agora, porém, o que há? Zonas desérticas, animais ameaçados e a presença do flagelo da fome. ■

FOTOS: AHMAD AL-RUBAYE/AFP; BETO FREITAS\PMSJC

por Elba Kriss

Gente

Diversidade consciente

A série Rensga Hits!*, do Globoplay, vingou. A faixa* Desatola Bandida *viralizou e vai levar aos palcos o sucesso da TV.* ***Alejandro Claveaux****, intérprete do sertanejo Deivid Cafajeste, entrega os planos após o sucesso da trilha sonora: "Andam comentando sobre a possibilidade de shows pelo País". Na série, o ator faz o papel de um cantor que teme revelar um romance com outro rapaz. Para ele, o debate LGBTQIA+ é essencial: "somos um dos países que mais matam homossexuais e temos um governo que incita o ódio contra a diversidade. É inaceitável que a sexualidade dos outros ainda seja questionada", diz o ator, que tem um namorado. "Discutir esse tema foi o principal motivo que me levou ao projeto."*

Um novo patrão aos domingos

Lívia Andrade sempre surpreende: a ex-SBT foi contratada pela Globo para integrar o time de jurados de *Acredite Em Quem Quiser*, quadro do *Domingão com Huck*. A autenticidade da artista – que era a estrela do "patrão", Silvio Santos – foi crucial para sua escolha. Foi Luciano Huck quem pediu para tê-la no elenco: "Ali [no SBT], tive a oportunidade de me expressar como realmente sou. Do assunto mais simples ao mais polêmico, sempre senti liberdade para dizer o que pensava e sentia. Pretendo ser a mesma Lívia que era com o Silvio". A estreia da artista é aguardada por seus mais de 10 milhões de seguidores nas redes sociais. Aos que contam os dias, ela avisa que será nesse domingo (28). E há também um recado claro para quem um dia a criticou: "Isso só comprova o quanto estavam errados e o quanto foram maldosos. São pessoas inseguras, infelizes e covardes que se incomodam quando os outros fazem sucesso. Sinto muito em desapontá-los".

FOTOS: JEFF SEGENREICH/DIVULGAÇÃO; DIVULGAÇÃO

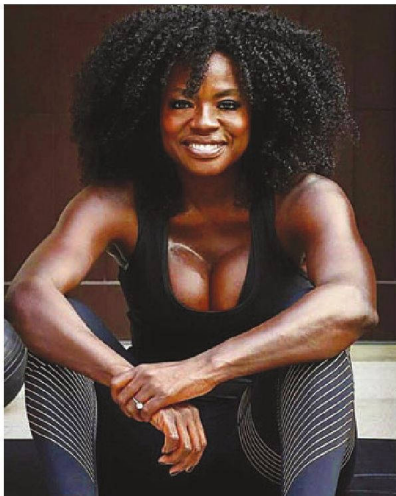
Das novelas ao ativismo

"O público que me acompanhava nas novelas verá uma versão minha desconhecida." É assim que a atriz homenageada descreve a biografia *Lucélia Santos: Coragem Para Lutar*. Na obra, a famosa protagonista de *Escrava Isaura* explica como a TV lhe proporcionou um propósito maior: a trajetória política. **Lucélia Santos** narra, por exemplo, como se tornou peça fundamental na construção de acordos entre o Brasil e a China. "O presidente Fernando Henrique Cardoso me levou em sua comitiva oficial e sentiu alívio quando o então presidente Jiang Zemin me reconheceu", conta à ISTOÉ. "Ele quebrou o rígido protocolo chinês e começou a sorrir, apontando para mim 'é ela, a Isaura', gritava, em mandarim." No capítulo em que detalha o ativismo ambiental descreveu lembranças comoventes ao lado de Chico Mendes. "Ele foi um dos seres mais puros que tive o prazer de conhecer. Reviver aquele período foi doloroso. A ganância, a sanha por dinheiro e lucro a todo custo, continuam", protesta. Escrita por Eduardo Meirelles, a biografia chega às livrarias em 29 de agosto.

Anjo latino

O ator cubano **William Levy** viu a busca por seu nome explodir no Google nos últimos dias: o artista de 41 anos foi apontado como *affair* de Simaria Mendes. Galã de produções latinas, Levy já ganhou o título de 'o homem mais sexy do mundo' pela *People en Español* e, no passado, teria tido um romance com Jennifer Lopez. Na TV, ele pode ser visto na reprise da novela *Cuidado com o Anjo*, de 2008, no SBT. Um fato curioso: ele mora em Madri, na Espanha, onde Simaria, por coincidência, também tem uma casa...

Roubaram o Oscar dele

***Troy Kotsur**, primeiro artista surdo a levar um Oscar, sofreu um baita susto na semana passada. O vencedor do prêmio de Melhor Ator Coadjuvante pelo filme* No Ritmo do Coração *viajou para sua cidade natal, no Arizona, EUA, para receber uma homenagem por sua trajetória em Hollywood. Ele levou a estatueta para a cerimônia. No entanto, seu carro foi furtado – com o prêmio dentro. O astro entrou em desespero e recorreu às redes sociais por ajuda. A polícia foi acionada e, felizmente, recuperou tanto o veículo quanto o Oscar de Kotsur. Dois jovens foram presos, mas o resgate da estatueta teve final feliz.*

A rainha ficou ainda mais poderosa

A atriz Viola Davis está pronta para a batalha: *A Mulher Rei*, filme que chega aos cinemas em setembro, narra a história da Agojie, uma unidade de guerreiras que protegiam um reino africano nos anos 1800. Inspirada em fatos reais, a produção traz Viola como Nanisca, a general responsável pelo treinamento das recrutas. Para se preparar para as cenas de ação, a atriz treinou pesado: "Eram sessões de três horas de artes marciais por dia". Ao longo de nove meses, ela e as mulheres do elenco praticaram esgrima e aprenderam a usar lanças e facões. O corpo da atriz de 57 anos se transformou – e ela curtiu: confessou que passou a se sentir mais poderosa com os músculos.

FOTOS: RAFAEL MOLINA/DIVULGAÇÃO; DOUG PETERS/PA IMAGES VIA GETTY IMAGES; RODRIGO VARELA/GETTY IMAGES VIA AFP; REPRODUÇÃO INSTAGRAM

A corrida por investimentos no exterior

A incerteza das eleições tem feito com que **investidores brasileiros** busquem aplicações financeiras no mercado internacional, especialmente nos Estados Unidos, na **tentativa de se proteger das volatilidades** do mercado nacional *Mirela Luiz*

US$ 547 milhões
(cerca de R$ 2,8 bilhões) foram enviados por pessoas físicas para fora do país

Com a economia instável por conta do período eleitoral, cada vez mais brasileiros estão investindo em ativos financeiros em outros países, sobretudo nos Estados Unidos e Portugal. Nem mesmo a alta da taxa Selic, que aumenta o retorno dos investimentos no Brasil, mudou essa tendência, acirrada pela polarização atual da política no País. De olho nesse filão de investidores sedentos por aplicações no exterior, bancos e corretoras brasileiras iniciaram uma corrida para diversificar suas carteiras de investimentos no mercado internacional.

Aplicações de recursos no exterior sempre foram importantes ferramentas de alocação estratégica de diversificação e mesmo para um planejamento patrimonial. Entretanto, eram possibilidades com difícil acesso e restritas a um público de grande poder aquisitivo. Até pouco tempo, por interesse dos grandes bancos, essa alternativa era voltada basicamente aos donos de grandes fortunas, com ao menos US$ 1 milhão investido. Agora, o acesso está se tornando mais democrático e pulverizado, com acesso inclusive para a classe média. Com a compra da Avenue, corretora brasileira com sede em Miami pelo Itaú Unibanco, ficou mais acessível essa possibilidade para todos os investidores que desejam diversificação das suas aplicações no atraente mercado americano. "Por sorte, vivemos na década das informações disponíveis e de fácil acesso. Aliado à forte evolução do mercado de assessoria profissional de investimentos, isso criou um ambiente onde tanto as grandes instituições financeiras, como as Fintechs, possam abrir uma 'porta' de acesso ao mercado internacional para os investidores de qualquer porte de aplicações", avalia Alisson Ramos, membro do conselho da Improve Wealth Services, administradora de patrimônio.

Recentemente, o Banco Central informou que os aumentos da taxa Selic serão interrompidos em razão da queda inflacionária, o que vai gerar uma expectativa no mercado interno de melhora do cenário, vislumbrando uma estabilidade da economia. Para Isabela Komatu, CEO da Komatu gestora de recursos, esse posicionamento do Banco Central, no entanto, ainda é incerto para os próximos meses e o quadro continua favorecendo as aplicações em mercados mais seguros. "Se a Selic ficar em 13,75% por mais tempo que o mercado imagina, poderemos ver a bolsa brasileira andando de lado e o real se valorizando", explica. Mas, se houver uma redução brusca na taxa de juros, segundo Isabela, pode implicar na valorização do dólar e desvalorização ainda maior do real, assim como aconteceu em 2019 e 2020.

Dados do Banco Central dão um termômetro do maior interesse dos brasileiros em investir lá fora. Apenas no primeiro

NOVO MERCADO Brasileiros apreensivos com a instabilidade econômica apostam cada vez mais em aplicações no exterior para proteger seu patrimônio

“Trata-se do principal player de acesso a serviços financeiros do mercado norte-americano para brasileiros”

Carlos Constantini, do Itaú Unibanco, sobre a aquisição da Avenue

trimestre deste ano, US$ 547 milhões (cerca de R$ 2,8 bilhões) foram enviados por pessoas físicas para fora do País. É uma alta de 73% em relação aos US$ 316 milhões em relação ao mesmo período do ano passado. Gestores financeiros relatam que a polarização política é um ingrediente a mais para essa tomada de decisão. “O Congresso saiu de uma agenda reformista para uma agenda social em poucos meses. Vemos ameaças de golpe militar ao mesmo tempo em que vemos políticos tradicionais defendendo a democracia. Tais atitudes deixam o mercado nacional apreensivo”, diz Gabriel Komatu, CEO da Komatu.

O passo do Itaú foi o mais relevante nessa direção, mas não o primeiro; antes BTG Pactual, XP e Inter já vinham se posicionando nesse mercado externo por meio de parcerias. O C6 também passou a oferecer a mesma facilidade, incluindo o acesso a fundos de casas estrangeiras. Santander e Bradesco também aumentaram suas apostas no exterior. A última grande instituição a abrir essa possibilidade foi o Banco do Brasil, que fechou parceria com o UBS.

“Estamos construindo e aprimorando constantemente o nosso ecossistema a partir das necessidades de nossos clientes e focando em toda sua jornada de investimentos. A participação na Avenue representa um passo estratégico. Trata-se do principal player de acesso a serviços financeiros do mercado norte-americano para brasileiros”, destaca Carlos Constantini, responsável pela área de Wealth Management Services do Itaú Unibanco. Corretoras menores e escritórios de investimentos também seguem a mesma estratégia, comprando empresas estrangeiras ou firmando parcerias em outros países. “Identificaram uma oportunidade e criaram não apenas uma empresa, mas uma nova linha de negócios”, completa Constantini. ■

FOTOS: ISTOCKPHOTO; DIVULGAÇÃO

A nova dama

Liz Truss, 47 anos, deve ser eleita como primeira-ministra britânica em setembro, copiando a imagem de Margareth Thatcher na campanha. Mas, na realidade, suas ideias são muito mais próximas de Boris Johnson, deposto do cargo em julho

Denise Mirás

Em 5 de setembro, o Reino Unido poderá ter sua versão 2022 de Margareth Thatcher, a primeira-ministra que comandou os ingleses por 11 anos. A candidata ao posto é Mary Elizabeth Truss. Ela nega, mas copia cabelo, roupas, poses e discursos daquela que deixou sua marca como Dama de Ferro entre 1979 e 1990. Mesmo sem enganar seus críticos – para quem Liz Truss não chega nem perto daquela que foi uma das lideranças mais poderosas do mundo –, está bem à frente da corrida por votos dos membros do Partido Conservador. Hoje, a ministra do Exterior tem a preferência disparada dos cerca de 180 mil eleitores filiados, para se tornar primeira-ministra. De acordo com a média de pesquisas mais recentes de sites especializados, a "Thatcherita" repaginada – que completa 47 anos nesta sexta-feira 26 –, tem 57% sobre 31% de seu adversário, o bilionário Rishi Sunak, de 42 anos, que foi um ministro da Economia com trabalho reconhecido pela eficiência diante da pandemia.

Liz Truss defende com "unhas e dentes" o Reino Unido, que para ela precisa retomar sua posição de país mais influente no mundo. Também é veemente ao cobrar firmeza do "Ocidente" (leia-se Estados Unidos), sobretudo contra o avanço econômico da China e o destaque geopolítico da Rússia, a quem considera inimiga histórica. Condena as Nações Unidas e a Organização Mundial do Comércio por uma suposta inoperância. Abraçou o desligamento britânico da União Europeia – que deixou o Reino Unido muito mais dependente do G7 e da OTAN (ela quer que a aliança militar se torne uma "OTAN econômica").

EM PROMOÇÃO
Liz Truss ultrapassa obstáculos para ser anunciada como primeira-ministra britânica em 5 de setembro

de ferro

57%
LIZ TRUSS

31%
RISHI SUNAK

De ativista liberal quando estudante – e contra o Brexit –, deu uma guinada de 180 graus para se tornar membro do Partido Conservador e iniciar carreira como deputada. Suas idas e vindas na política escancaram brechas para adversários criticarem sua candidatura a primeira-ministra. É vista como "plantada nos anos 1980", com postura de missionária e falsidade em suas referências à "Senhora Thatcher". Frases como "Nunca podemos baixar a guarda" e "O preço da liberdade é a vigilância eterna", dizem, remontam à Guerra Fria.

Mas, além de não citar Brexit, Covid e guerra na Ucrânia em suas pregações – motivo de raiva dos britânicos em geral –, se mostra "desconectada da realidade", nas palavras de Michael Grove, seu correligionário e figura de destaque no Partido Conservador depois de passar por três ministérios. Ele diz que Liz Truss fala em cortar impostos, o que favoreceria ricos e grandes empresas, em vez de enxergar a urgência de uma ajuda financeira direta a pequenos empresários e população mais vulnerável, que sofre para conseguir comer depois do aumento de 75% na conta de luz (com outro reajuste já aprovado para janeiro). A "Senhora Thatcher" não aplaudiria isso, comentam membros do próprio partido. Ao contrário, ficaria horrorizada.

Como política, Liz Truss foi "descoberta" pela mídia britânica por conta do caso que teve, entre 2004 e 2005, com Mark Field, também do Partido Conservador (ela é casada desde 2000 com Hugh O´Leary, com quem tem as filhas pré-adolescentes Frances e Liberty). Mas as críticas se estendem à sua necessidade de autopromoção pelo Instagram, porque "não é boa em nada que faz", dizem. "Parece um robô em curto-circuito" ou "é uma granada sem pino". Causam horror a hiperagressividade contra a Irlanda do Norte e as fanfarronices pretensamente engraçadas, copiadas de seu verdadeiro mentor, Boris Johnson. Há mesmo vídeos virais, mostrando menções alucinadas da candidata, como a surpresa com "a dependência britânica da importação de queijo", que destacou como "desgraça".

Nesta reta final da eleição, Liz Truss ainda teve de explicar um tropeço bem pior. Em 2019, em áudio vazado, despreza trabalhadores britânicos dizendo que não são tão preparados como seus similares estrangeiros e ainda que são preguiçosos. Foi além, enaltecendo londrinos sobre cidadãos de outras partes do país. Na sequência, se viu diante da denúncia que, à frente das relações exteriores, atrasou a entrega de um relatório sobre direitos humanos em que criticava Ruanda e validava repatriar, com passagem só de ida, aqueles que pediam asilo político no Reino Unido depois de atravessar o Canal da Mancha em barcos precários. Seu adversário Rishi Sunak também teve de justificar por que sua mulher, Akshata Murthy, não declarava imposto no Reino Unido (acabou pagando mais de R$ 70 milhões referentes a investimentos, em 2021). Os britânicos se perguntam se haverá como remendar o Partido Conservador, de tão rachado. Ou mesmo se sua sobrevivência será possível. ■

'COSPLAY' DE UM ÍCONE

1989

2022

Para os britânicos, esta corrida ao cargo de primeiro-ministro é "nojenta", pelos vazamentos dos podres e ataques ácidos de todos os lados, de trabalhistas ou dos próprios conservadores. A lavagem de roupa suja é espalhada pela mídia desde julho, quando foi dada a largada após a renúncia forçada de Boris Johnson.
Como estratégia, Liz Truss se apropria da imagem de Margareth Thatcher, um verdadeiro ícone do país. Chamada de "cosplay", ela nega que imita a Dama de Ferro, se enfurece e diz que não aceita a acusação, porque "eu sou eu mesma". Mas usa cópias de blusa azul de laço da ex-primeira-ministra em debates, ou casaco com gola de pele e "chapka", espécie de chapéu russo. Até em foto saindo da boca de um tanque de guerra, Liz Truss já apareceu. Como Margareth Thatcher.

FOTOS: TOBY MELVILLE/REUTERS/FOTOARENA; REPRODUÇÃO

Cultura

STREAMING

por Felipe Machado

CAMPEÃO Trevante Rhodes como Mike Tyson: carreira de ator após o sucesso no atletismo

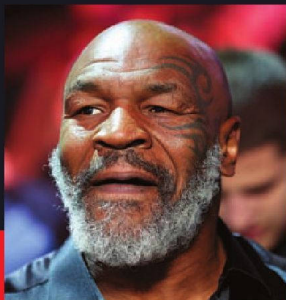
Homem de aço

Minissérie estrelada por Trevante Rhodes narra a ascensão e queda de **Mike Tyson**, o mais jovem campeão de boxe da história

É impressionante constatar que, passados 16 anos desde sua última luta oficial, o pugilista Mike Tyson continue a ser uma presença constante na mídia em todo o mundo. Há uma razão por trás dessa fama: bem mais que um ídolo do esporte, Tyson tornou-se um ícone da cultura pop. Só isso explica a quantidade de documentários e obras de ficção inspiradas em sua trajetória, um drama que possui elementos que fascinam o público: a ascensão, a queda e a redenção. Ainda é cedo para saber, no entanto, se essa história termina em triunfo ou tragédia.

A produção mais recente é *Mike Além de Tyson*, minissérie ficcional com oito episódios que acaba de estrear no streaming Star+. É estrelada pelo ator e atleta Trevante Rhodes, que, antes de brilhar em *Moonlight*, conquistou a medalha de ouro no Campeonato de Atletismo Pan-Americano, em 2009. Criada pelos roteiristas Craig Gillespie e Steven Rogers (de *Eu, Tonya*, de 2017), essa biografia não autorizada aborda os altos e baixos da vida de Tyson, tanto no boxe quanto fora dele, além do racismo e do poder da mídia. O elenco conta ainda com Laura Harrier, como a ex-esposa Robin Givens, e Russel Hornsby, como o empresário Don King).

DO CINTURÃO AO BANDEJÃO *Mike Além de Tyson:* série ficcional vai mostrar o sucesso do lutador nos ringues e a rotina na prisão, onde ele passou três anos

FAMA
Mike Tyson: show na Broadway e personagem de videogames

UM ASTRO FORA DOS RINGUES

Aos 56 anos, o próprio Mike Tyson continua a contribuir para a fama de ídolo fora dos ringues: em 2009, interpretou a si mesmo no sucesso de bilheteria *Se Beber não Case*, filme que contou até com a participação de seu tigre de estimação. Em 2011, repetiu a dose na bem-sucedida sequência dirigida por Todd Philips. Tyson arriscou ainda uma atuação como comediante, contando episódios de sua vida em um show solo na Broadway, em Nova York. Ficou famoso até no mundo virtual: foi persongem dos games Punch Out (NES), Boxing (Playstation) e Heavyweight Boxing (Xbox).

A história de Tyson no boxe começa ainda na adolescência, no bairro do Brooklyn, em Nova York. Aos 11 anos, após a morte da mãe, foi internado em um reformatório para jovens delinquentes. Aos 13, pesava mais de 90 quilos, o que já lhe permitia disputar lutas na categoria peso-pesado. Foi quando chamou a atenção de Cus D'Amato, treinador que fez do lutador Floyd Patterson o primeiro bicampeão mundial da história. Assim como Tyson, ele também fora descoberto em um reformatório no Brooklyn. Depois que Patterson anunciou o fim da carreira, em 1972, D'Amato passou a procurar outro talento que o ajudasse a voltar aos topo. E achou: Tyson estreou como profissional aos 18 anos contra Hector Mercedes, disputa que terminou exatamente igual às 11 lutas seguintes: com nocaute relâmpago, ainda no primeiro round.

Preocupado com os efeitos do sucesso sobre o jovem aprendiz, D'Amato o adotou, passando a ser seu tutor e responsável legal.

Era uma época de transição no mundo do boxe. Muhammad Ali estava aposentado e o então campeão, Larry Holmes, não empolgava o público. Tyson veio como um furacão, demolindo todos os adversários que apareciam em sua frente. Tornou-se o mais jovem campeão de todos os tempos, aos 20 anos. Seu mentor, no entanto, não pode presenciar o fato histórico: D'Amato morreu um mês antes de ver o pupilo vencer Trevor Berbick e conquistar o cinturão do Conselho Mundial de Boxe (WBC).

A queda de Tyson começou em 18 de julho de 1991, em Indianópolis. Convidado para ser jurado do concurso de Miss Black America, conheceu a jovem Desiree Washington, de 18 anos. Após passarem algumas horas juntos em um quarto de hotel, a modelo deixou o local e o acusou de estupro. Tyson foi condenado a seis anos de prisão, cumprindo metade da pena por bom comportamento. Saiu e retomou a carreira, mas já sem o mesmo brilho.

FOTOGRAFIAS

A 6 de setembro, outro lançamento ligado ao lutador deverá deixar seus fãs em polvorosa. A renomada fotógrafa Lori Grinker, que acompanha Tyson desde o início da carreira, lançará um livro com imagens marcantes de sua vida. A obra abre com uma citação de D'Amato: "Mike é um homem de aço e seu soco é uma bomba atômica, uma força da natureza". Além da nova produção, outras estão disponíveis, inspiradas na vida do boxeador. A primeira a ser lançada foi o documentário *Fallen Champ: The Untold Story of Mike Tyson*, de 1993. Logo depois, em 1995, veio um filme para a TV, tendo Michael Jai White como protagonista. Com um público tão fascinado por sua vida, certamente a minissérie da Star+ não será o último round de Mike Tyson. ■

FOTOS: ISTOCKPHOTO; AL BELLO/GETTY IMAGES; ALFONSO BRESCIANI/HULU

MÃE JUDIA
Outro Lugar, de Ayelet Gundar-Goshen: a culpa no centro da trama

Palavras da Terra Santa

Lançamento de obras de escritores de Israel e da Palestina reforçam a importância da memória e do ativismo político para a literatura da região

Felipe Machado

A literatura judaica confunde-se com a própria história do homem. Escritos religiosos e laicos têm sido produzidos no Oriente Médio há mais de dois mil anos, bem antes das fronteiras desenhadas no período pós-Segunda Guerra que ainda geram tantas tensões entre os povos da região. Não há homogeneidade entre essas obras, uma vez que a produção cultural da diáspora é tão vasta como diversa entre si. A única certeza é que, de Franz Kafka a Philip Roth, parte significativa da arte literária do século 20 tem autores judeus entre seus maiores nomes.

É possível apontar características comuns em autores israelenses publicados recentemente no Brasil. Embora sejam de gerações diferentes – alguns deles, inclusive, têm carreira mais longeva que o próprio Estado de Israel –, a presença de temas ligados à memória e ao ativismo político voltado ao humanismo revela um movimento uniforme que os une.

Ayelet Gundar-Goshen é a mais jovem entre eles. Seu novo livro, *Outro Lugar*, é narrado do ponto de vista de Lilach Shuster, imigrante israelense que vive no Vale do Silício, nos EUA. Seu filho, Adam, é um dos melhores alunos da escola, até que se envolve em um episódio que leva à morte o seu colega de classe, o afro-americano Jamal Jones. Qual a parcela de culpa de seu filho? As recordações sobre a vida pregressa e o posicionamento contra os preconceitos são temas que permeiam toda a obra.

HUMOR
O Túnel, de A.B. Yehoshua: analogias entre as lembranças e a capacidade mental

A.B. Yehoshua nasceu em Jerusalém, em 1936, na quinta geração de uma família

FOTOS: TAL SHAHAR; REPRODUÇÃO; LEONARDO CENDAMO/GETTY IMAGES; CLAUDIO SFORZA

TRAUMAS *A Vida Brinca Muito Comigo*, de David Grossman: fantasmas do passado

de judeus sefarditas. Morreu em junho desse ano, pouco depois do lançamento de *O Túnel*, um de seus melhores trabalhos. Na trama, o engenheiro Tzvi Luria, de 70 anos, é diagnosticado com princípio de demência. O romance faz analogias entre as lembranças e a capacidade mental, até o ponto em que não se sabe mais qual das duas é mais importante para a definição da identidade. Dono de um humor mordaz e crítico, a abordagem fraterna de Yehoshua revela a preocupação com os problemas sociais do povo palestino.

O terceiro autor dessa leva de excelentes lançamentos é David Grossman, autor do premiado *O Inferno dos Outros*, vencedor do Booker Prize. O escritor nascido em Jerusalém lança agora *A Vida Brinca Muito Comigo*, trama que fala sobre três gerações de uma família. Em uma viagem à Croácia, as personagens compartilham segredos que as obrigará a lidar com os traumas da política israelense para poder seguir em frente. Não deixa de ser uma metáfora da literatura de seu país: enquanto um olho vislumbra o futuro, o outro não esquece o passado. ■

ARTE SOB OCUPAÇÃO

Embora também seja milenar, a literatura produzida em território palestino ainda não é tão popular no Brasil. Seus representantes mais expressivos, porém, acabam de ter obras publicadas no País. O escritor de maior renome é Mahmud Darwich, autor de *Memória para o Esquecimento*. É sua terceira obra lançada pela editora Tabla em menos de um ano, após *Da Presença da Ausência* e *Onze Astros*. O livro se passa em um dia de 1982, durante o bombardeio de Israel sobre Beirute, cidade do Líbano em que Darwich viveu durante seu exílio. Nascido na vila palestina de Al-Birwa, em 1941, o escritor era criança na época em que o Estado de Israel foi criado (1948). A crítica à ocupação israelense é presença constante em quase todos os seus 30 livros. Darwich, que faleceu em 2008, foi membro efetivo da Organização para a Libertação da Palestina (OLP), grupo com atuação social e paramilitar liderado por Yasser Arafat. A luta de seus personagens para manter a rotina em meio ao conflito é uma demonstração de resistência. A Tabla também acaba de lançar *O Pequeno Lampião*, de Ghassan Kanafani. O livro infantil foi inspirado em uma história que ele contava para sua sobrinha, e narra o sonho de uma jovem princesa que, para se tornar rainha, precisa levar o sol para dentro do palácio. O autor, no entanto, tem uma obra bem mais ampla e também foi um importante ativista político – ele é cofundador da Frente Popular para a Libertação da Palestina, um dos partidos que integravam a OLP. Publicou ao todo 18 livros, mas é ainda mais conhecido por sua produção jornalística, que lhe rendeu o apelido de "A Voz da Palestina".

O conflito com Israel é o grande protagonista da maioria dos livros de autores palestinos

PORTA-VOZ *Memória para o Esquecimento*, de Mahmud Darwich: a rotina como forma de resistência

DE VOLTA
Iron Maiden: destaque em 1985, roqueiros britânicos tocam no mesmo palco 37 anos depois

SHOWS

O maior Rock in Rio da história

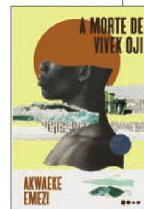
Com todos os 700 mil ingressos vendidos, o espetacular festival reunirá em sete dias dezenas de shows para todas as gerações

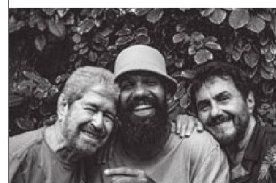
Há 37 anos o Brasil assistia ao seu primeiro grande evento musical: em janeiro de 1985, o Rock in Rio, iniciativa pioneira do empresário Roberto Medina, inaugurava uma nova era no mercado do showbiz nacional. Em dez dias de shows históricos de bandas como Queen, Ozzy Osbourne e Iron Maiden, o evento significou o maior festival de todos os tempos. Quase quatro décadas depois, o Rock in Rio tornou-se ainda maior. Ganhou versões em Lisboa e Las Vegas, e ampliou seu caráter social. Nele, estão as iniciativas Rock U, que vai capacitar 30 mil profissionais de eventos, e a Fans for Change, leilão de instrumentos dos artistas com renda revertida para as ONGs Amazônia Live e Ação da Cidadania. Muita coisa mudou, mas a atração principal da noite de estreia, em 2/9, é a mesma: os britânicos do Iron Maiden vão tocar seus clássicos para cerca de 100 mil fãs de heavy metal, assim como fizeram na primeira edição do festival. No dia seguinte é a vez dos jovens que gostam de hip hop e música eletrônica, com Post Malone e Marshmallow. O domingo (4/9) também é do pop, com destaque para os norte-americanos Justin Bieber e Demi Lovato. O rock volta ao palco em 8/9, com o Guns 'N' Roses e Maneskin. Green Day (9/9), Coldplay (10/9) e Dualipa (11/9) completam a maratona carioca.

BRASILEIROS TAMBÉM SÃO DESTAQUE

Os 700 mil ingressos colocados à venda para o Rock in Rio já estão esgotados. Além dos astros internacionais, o público promete agitar nas apresentações dos artistas brasileiros: em 2/9, o Sepultura *(foto)* vai tocar com a Orquestra Sinfônica Brasileira; o DJ Alok (3/9) e a cantora Iza (4/9) completam o elenco do fim de semana. Na segunda fase, haverá shows do CPM22 (8/9) e Capital Inicial (9/9). Djavan (10/9) e Ivete Sangalo (11/9) vão marcar o fim da festa nacional.

PARA LER

Eleito o melhor livro de 2021 pelo jornal *The New York Times*, ***A Morte de Vivek Oji***, de Akwaeke Emezi, é uma narrativa original sobre as relações entre raça e gênero. A começar pelo autor, que se identifica como pessoa não-binária.

PARA VER

A onda de documentários no estilo "true crime" continua em alta: dirigido pela norte-americana Skye Borgman, ***A Garota da Foto*** (Netflix) conta a trágica história de um crime passional que marcou os EUA nos anos 2000.

PARA OUVIR

Russo Passapusso e Antonio Carlos e Jocafi lançam ***Mirê Mirê***, com participação de Gilberto Gil. É o primeiro single do álbum *Alto da Maravilha*, que sai em novembro. "O Gil não é só um ídolo meu, mas de muitas gerações musicais", diz Jocafi.

FOTOS: DIVULGAÇÃO; REPRODUÇÃO; CARTAXO; MASTRANGELO REINO/A2IMG; VAN CAMPOS/FOTOARENA

por Felipe Machado

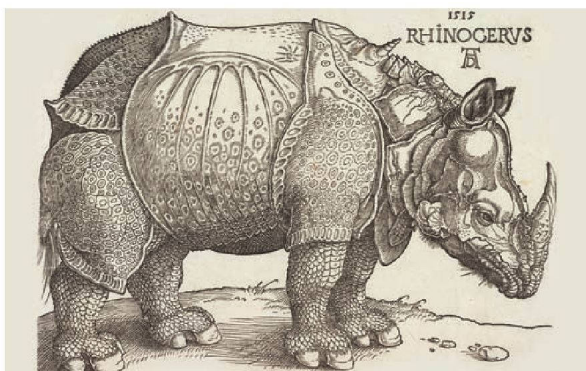
FILME

Bastidores da cobertura eleitoral

Um debate é uma evento essencial para o eleitor escolher seu candidato. O que acontece nos bastidores de uma emissora de TV durante sua transmissão, no entanto, é pouco conhecido do público. Essa premissa levou os roteiristas Jorge Furtado e Guel Arraes à criação de ***O Debate***, filme que estreia nos cinemas. Marcos (Paulo Betti), editor-chefe de um telejornal, e Paula (Debora Bloch), apresentadora, acabaram de se separar e têm opiniões divergentes sobre a cobertural eleitoral do canal. A produção é dirigida por Caio Blat.

ORQUESTRA

Antes de Nova York, Osesp em SP

O público poderá assistir em primeira mão ao concerto que a Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo apresentará em outubro no Carnegie Hall, em Nova York. Sob regência de **Marin Alsop**, norte-americana que dirigiu a Osesp por quase dez anos, até 2019, o programa inclui Heitor Villa-Lobos (*Prelúdio da Bachianas Brasileiras nº 4, Concerto para Harmônica* e *Choros nº 10*) e *Sheherazade*, do russo Nikolai Rimsky-Korsakov. Os concertos ocorrem na Sala São Paulo até 3/9, às 20h30, e serão transmitidos também pelo Youtube.

EXPOSIÇÃO

Cinco séculos de gravuras

Fundado em 1776 em Viena, na Áustria, o Museu Albertina tem em seu acervo mais de um milhão de obras. Uma seleção de 154 peças dessa coleção será exibida no **Instituto Tomie Ohtake**, em São Paulo, de 2/9 a 20/11. Trabalhos de 41 mestres compõem a mostra *O Rinoceronte: 5 Séculos de Gravuras do Museu Albertina*, com trabalhos de Albrecht Dürer, autor de *O Rinoceronte*, de 1515 (ilustração), Rembrandt, Goya, Toulouse-Lautrec, Picasso, Matisse, Chagall e Warhol, entre outros.

MÚSICA

Djavan lança álbum em família

O novo álbum de Djavan traz o cantor em sua melhor forma: *D*, o 25º disco da carreira, traz produção do próprio artista e algumas novidades. Entre elas, um emocionante e inédito dueto com **Milton Nascimento** na faixa *Beleza Destruída*, com letra em defesa da natureza, e a faixa *Iluminado*, que conta com a participação de toda a sua família. "Era um sonho antigo", diz Djavan. O clipe da canção composta diante do mar de Alagoas, sua cidade natal, já está disponível na internet.

por Mentor Neto

Escritor e cronista

O GRUPO DO WHATS

Tuca Casparian beira os setenta anos.

Empresária, inteligente, formada pela FGV.

Acorda cedo todos os dias, por volta das cinco da manhã.

Ainda na cama, quentinha sob as cobertas, recebe a moça da cozinha trazendo o seu café.

"Uma mulatinha muito do bem. Está comigo há anos!"

Escreveu no grupo fechado de socialites do Face.

O primeiro gole no café sem leite (descobriu que é intolerante em 2018) é o começo do dia.

Entre um mamão e uma torradinha, Tuca agarra seu iPhone e checa todas as redes sociais.

Faz como o pai, que lia dois jornais, também tomando café da manhã na cama.

"As redes sociais são os novos jornais! Tem que se informar para dar opinião."

Ela disse na piscina do clube quando foi acusada de não sair do celular.

E lembrou como o pai era metódico na leitura das sessões do jornal.

Começava pela capa, claro, depois as cartas dos leitores, Cultura, Esportes, Internacional, Local, Palavras Cruzadas, deixando para o fim o mais suculento: Política e o Editorial.

Tuca faz a mesma coisa com as redes sociais: guarda o melhor para o final.

Começa pelo Facebook, que é onde sabe que vai ter menos surpresas.

"No Face não tem as mentiras do DataFolha, nem as palhaçadas da Rede Globo".

Ela disse isso numa entrevista que deu para um portal de moda.

Tuca herdou a fábrica de relógios de ponto do pai - hoje toda digital - então precisa estar sempre ligada na política.

Do Facebook, pula para o Twitter ambiente em que não escreve, apenas lê.

Adora os posts dos filhos do presidente, principalmente agora, em tempos de eleição.

"Morro de rir deles provocando o presidiário!"

Disse num almoço com amigas que acham o Twitter muito complicado.

Quando Lula era presidente tirou uma foto com ele que ainda está no seu escritório.

"Quando vem alguém falar comigo, é importante que saibam que eu sou uma democrata. Além disso, vai que, né?"

Ela diz, rindo, para seu diretor financeiro (e ex-marido), que acha a foto uma vergonha.

Do Twitter ela pula para o Instagram para dar uma pausa e conferir os stories das amigas, mas já sabe que vai se irritar com algumas que são umas desocupadas, sempre viajando ou postando futilidades.

Antes de sair do aplicativo, dá uma conferida nas curtidas e comentários da véspera.

Seu sonho é ter uma conta que nem a da Coca Setubal, que é verificada provavelmente por causa do sobrenome.

Então chega a hora da melhor das redes, que ela sempre faz coincidir com o croissant. O WhatsApp.

Começa repassando as mensagens de trabalho ou de amigas e guarda para o final o "Green and Yellow", grupo formado por uns quinze empresários amigos que, como ela, querem um Brasil melhor.

Democracia funciona como o pessoal do aplicativo: cada um com sua própria opinião

Naquela manhã de quarta-feira, o grupo tinha setenta e quatro mensagens não lidas. Sinal que alguma coisa importante tinha acontecido. E tinha mesmo.

Alguém havia vazado para a imprensa uma conversa que tiveram na véspera.

Tuca colocou a bandeja do café de lado e se ajeitou na cama, enquanto mentalmente tentava lembrar da conversa recente.

A conversa estava no Estadão e no Globo.

Tuca ficou desesperada. Reviu as mensagens vazadas rapidamente. Falavam sobre como seria bom se o Exército assumisse de vez.

Graças a Deus, ela não tinha participado, porque ontem estava em trânsito.

Pensa Tuca! Pensa! Falava para si mesmo.

Num repente, procurou no celular a foto abraçada com o Lula e postou no Instagram, com a legenda: "Democracia é assim: tem espaço para todos.".

"Postei porque vai que, né?"

Explicou para o personal que achou que tinham hackeado o iPhone dela.

Tuca é assim. Sempre lidou bem com crises, que nem o pai.

A opinião do colunista não necessariamente reflete a posição da revista

ifood